

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DO ENSINO SECUNDÁRIO

CURSO TECNOLÓGICO DE ACÇÃO SOCIAL

HISTÓRIA C

10º ANO

Maria da Glória Rodrigues (coordenadora)
Augusto José Monteiro
Joaquim Carvalhão Santos

Homologação
22/02/2001

Consultores

APH - Associação de Professores de História

Doutor António Camões Gouveia (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa)

Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Professor Doutor José Amado Mendes (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO	4
Natureza da disciplina e sua integração no currículo	4
APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA	6
Finalidades/Objectivos Gerais	6
Competências a desenvolver no Ensino Secundário	7
Visão geral dos conteúdos/temas	8
Sugestões metodológicas gerais	10
Recursos	12
Avaliação	13
DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA	15
Módulo 0 – ESTUDAR/APRENDER História	16
Módulo 1 – CIDADE E IMPÉRIO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA	19
Módulo 2 – PORTUGAL NO CONTEXTO DA EUROPA MEDIEVAL	21
Módulo 3 – A EUROPA DOS SÉCULOS XV AO XVIII: SOCIEDADE, PODER E CULTURA	24
BIBLIOGRAFIA	29
Bibliografia Geral e Específica	29
Banda Desenhada	37
CD- ROM	38
Endereços na INTERNET	38

INTRODUÇÃO

NATUREZA DA DISCIPLINA E SUA INTEGRAÇÃO NO CURRÍCULO

Na actual revisão curricular os cursos tecnológicos do ensino secundário aparecem com grande visibilidade, importando, na sua aplicação, consolidar alternativas válidas que incentivem a uma maior frequência escolar neste nível de ensino e a uma elevação dos níveis de qualificação da população portuguesa.

Numa idade em que os jovens são levados a expressar diferentes orientações vocacionais, os cursos tecnológicos representam um conjunto de opções, distintas, mas igualmente valorizadas, no âmbito do ensino secundário. Para muitos alunos que completam o ensino básico, estes cursos deverão, na verdade, permitir e estimular o prosseguimento de estudos, tendo por horizonte uma certificação profissional e uma posterior inserção no mundo do trabalho.

Justifica-se, assim, um programa próprio para os cursos tecnológicos (Curso Tecnológico de Acção Social, Curso Tecnológico de Documentação E Curso Tecnológico de Turismo) que integram a disciplina de História, na sua componente Científico - Tecnológica. Este programa – ou melhor: este Plano de Organização do Ensino - Aprendizagem – não perde, contudo, um sentido de articulação relativamente aos programas dos cursos gerais por forma a facilitar a permeabilidade curricular.

Resultando o próprio funcionamento dos cursos tecnológicos de uma avaliação realista de condições e interesses, envolvendo o meio local, espera-se que, em consonância, possa haver por parte da escola e dos seus professores uma apropriação criativa do programa, criteriosamente definida em função de um terreno pedagógico concreto. A exploração da desejável flexibilidade na efectivação do currículo terá pois em conta, não só as finalidades próprias destes cursos, mas um conjunto de variáveis de entre as quais se destacam os perfis dos alunos e os diferentes recursos da escola e do meio. A consideração e exploração desses factores revestem-se da maior importância na concretização de práticas pedagógicas vivas e dinâmicas, capazes de potenciar o papel informativo /formativo que a disciplina de História pode e deve desempenhar no contexto actual.

A História, ao ajudar-nos a compreender quem somos e onde somos, contribui para que os jovens não se sintam à deriva num tempo sem fim e sem referências, facultando-lhes a construção de um horizonte temporal no qual o nosso presente se torna inteligível. A História deve ser vista como um campo privilegiado onde se debatem questões da actualidade, numa dinâmica permanente, em que o diálogo entre passado/presente, local/nacional, nacional/universal é condição para a perspectivação da realidade (Félix e Roldão, 1996).

Uma das funções da História será ensinar como se é e porque se é... A sua aprendizagem facilitará a integração do aluno na sociedade e levá-lo-á à descoberta de uma identidade comum, que não sendo única, nem irrepetível, nem a melhor, é simplesmente a sua. O conhecimento do nosso passado colectivo é indissociável do partilhar de uma memória que, reelaborada no presente, virá a ser transmitida às novas gerações. O aprofundamento de uma matriz cultural própria, fundamento de uma consciência de identidade, ajudará o jovem a posicionar-se no mundo actual, num contexto de crescente globalização.

Há uma autonomia a desenvolver e uma consciência cívica a construir neste mundo em mudança acelerada que constantemente apela a uma nova aquisição e aplicação de saberes e em que os múltiplos canais de informação constituem um permanente desafio ao sentido crítico e à capacidade de problematização e de integração de conhecimentos. Torna-se necessário fomentar a construção do conhecimento histórico, dada a importância de aprender a pensar historicamente, numa sociedade de informação. A História poderá trazer saberes de referência fundamentais para que o aluno aprenda a mover-se no mundo de informação de todo o tipo a que cada vez mais terá acesso.

O melhor contributo da História, para desenvolver a consciência da “necessidade de participar e intervir civicamente em diversos contextos e espaços”, passa essencialmente por um exercício de reflexão crítica, contribuindo assim para uma formação do aluno que vai lidar com pontos de vista diversos numa sociedade cada vez mais plural e multicultural.

*

A desejada função educativa da disciplina está, inevitavelmente, associada a uma concepção actualizada da própria História que, sabendo incorporar o factual e a dimensão narrativa, privilegie a dimensão conceptual e explicativa. Recusa-se, contudo, um pendor teórico excessivo que possa afastar a nossa disciplina das realidades humanas vividas, as quais, sendo potencialmente mais significativas para os nossos alunos, se revestem de especial interesse pedagógico, mediante uma adequada problematização.

Com a transposição didáctica de novas perspectivas da História, enquanto ciência, o seu ensino evoluiu no sentido de focagens mais abrangentes relativamente aos diversos aspectos da vida do homem em sociedade. A disciplina de

História prepara, assim, para a consideração de questões complexas, em áreas muito diversas, tendo em conta uma multiplicidade de factores e não apenas visões fragmentárias e unilaterais. A dimensão diacrónica da análise histórica possibilita, por sua vez, a percepção de processos evolutivos indispensáveis à compreensão dos fenómenos sociais, do passado e do presente.

O sentido da relatividade das realizações e representações humanas contribui para o desenvolvimento de valores de tolerância e atitudes de respeito e convivência solidária para com outros povos e culturas. A compreensão de diferentes realidades sociais e culturais, num contexto de evolução histórica, deverá aliar-se a uma nova consciência da multiculturalidade no mundo actual, estimulando a valorização dessa diversidade.

A relevância educativa dependerá sempre de práticas pedagógicas e de experiências de aprendizagem que devem reflectir um correcto entendimento dos conteúdos e dos objectivos da disciplina.

Já não é, obviamente, aceitável uma concepção estreita e pouco dinâmica da disciplina de História e do seu espaço nos actuais planos de estudo. Os princípios expostos abrem perspectivas claras de articulação horizontal do currículo que o professor deverá saber explorar, promovendo a transversalidade dos saberes, a colaboração interdisciplinar, a articulação escola-meio e, mais em geral, a integração de conhecimentos de origem muito diversa.

*

A presença da disciplina de História, no currículo dos cursos tecnológicos – integrada na componente de formação Científico- Tecnológica -, não pode justificar-se apenas em função de um contributo, por mais estimável que seja, para uma vaga cultura geral. Há que aprofundar o sentido da utilidade dos saberes que promove, no contexto de uma formação orientada para a inserção na vida activa e, mais em geral, para o exercício da cidadania. A sua integração nesta componente prende-se, muito provavelmente, com a intenção de conferir à aprendizagem da História um carácter mais instrumental, contribuindo para proporcionar aos alunos formações consideradas relevantes.

Ao acentuar-se, nas orientações normativas, que as disciplinas do secundário devem abrir “caminho para a formação ao longo da vida”; ao propor-se que os cursos sejam concebidos como percursos educativos, capazes de habilitar os jovens com uma “bagagem de vida” fundamental para a sua integração num mundo “caracterizado pela mobilidade, pelo multiculturalismo e multilinguismo”, não pode deixar de atribuir-se à História curricular, pela sua natureza, um importante papel na prossecução destas finalidades.

*

A História deve, por conseguinte, estar no currículo porque permite “aos indivíduos e às sociedades situar-se e conhecer-se”; porque contribui para o “rigor e clareza da inteligibilidade do mundo” (interpretação e clarificação das mutações das diferenças e das permanências); porque constitui um instrumento indispensável de cultura e uma metodologia única de análise reflexiva sobre o real e o devir...” (Maria do Céu Roldão).

APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA

Finalidades	Objectivos Gerais
<ul style="list-style-type: none"> • Promover a capacidade de interpretação crítica e fundamentada do mundo actual, através da compreensão da dinâmica evolutiva das sociedades • Proporcionar a aquisição de atitudes e competências que permitam o questionamento científico das realidades sociais do passado, do presente e do futuro 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a curiosidade intelectual, o espírito crítico e a atitude criativa • Desenvolver a capacidade de autocrítica e de compreensão pela pluralidade de pontos de vista • Fomentar hábitos de participação em actividades de grupo • Desenvolver a consciência dos direitos e dos deveres democráticos, intervindo na vida colectiva • Aprofundar a sensibilidade estética numa perspectiva de valorização e de prazer pessoais • Reconhecer e valorizar o património contribuindo para a sua defesa e preservação
<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a produção e o consumo de bens culturais, no contacto com a diversidade de manifestações históricas da cultura • Estruturar atitudes de autonomia e de respeito pela diferença 	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretar o conteúdo de documentos históricos de índole diversa • Formular hipóteses explicativas de factos/situações históricas • Utilizar correctamente o vocabulário específico da disciplina • Desenvolver a capacidade de exposição oral e escrita • Desenvolver hábitos de trabalho e de pesquisa • Utilizar as tecnologias de informação e comunicação • Aplicar os conhecimentos adquiridos em situações profissionais
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a consciência da cidadania, na sua dimensão nacional, europeia e universal, de modo a incentivar a intervenção responsável na vida social e política 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar o conhecimento histórico como um estudo cientificamente conduzido da evolução das sociedades • Interpretar o diálogo passado – presente como um processo de contribuições recíprocas para a compreensão das diferentes épocas • Compreender a importância do diálogo indivíduo/sociedade, na dinâmica histórica • Compreender a multiplicidade de factores que desencadeiam e condicionam os eventos históricos • Reconhecer, no processo histórico, situações de continuidade e persistência, de crise e de ruptura.

COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER NO ENSINO SECUNDÁRIO

- Evidenciar capacidade de compreensão e avaliação de factos e realidades históricas, com um correcto sentido das coordenadas de tempo e espaço.
- Compreender de processos evolutivos, mudanças, rupturas, continuidades e persistências.
- Desenvolver uma correcta com uma progressiva estruturação da noção de tempo histórico e de diferentes níveis de duração e ritmo.
- Saber relacionar, em especial, a História de Portugal e o respectivo contexto internacional, ponderando articulações dinâmicas, realidades análogas e peculiaridades.
- Percepcionar no meio social, no seu sentido mais vasto, mediante a focagem globalizadora específica da História.
- Saber valorizar os diversos testemunhos documentais e patrimoniais do passado, reconhecendo a sua relação com as grandes temáticas da história mais formalizada estudada no contexto escolar.
- Aplicar conceitos actualizados na área da compreensão e valorização dos bens patrimoniais, empenhando-se conscientemente na sua defesa e preservação.
- Adquirir capacidade e autonomia no acesso, na valorização, na avaliação, no registo e na comunicação de informação relacionada com a História.
- Relacionar e integrar informações de origem diversa num corpo estruturado de conhecimentos, moldando a sua própria percepção da História, por via de uma aprendizagem significativa.
- Exercitar uma prática de recolha e organização da informação, a partir de fontes de natureza diversa e procedendo ao cruzamento crítico de testemunhos.
- Desenvolver capacidades de questionamento e de reflexão crítica.
- Desenvolver, em geral, as diversas competências como forma de preparação para a vida futura numa sociedade aberta que confronta os cidadãos com escolhas.
- Saber intervir de forma autónoma e responsável em contextos diversos (na escola e no meio), interiorizando valores de cidadania e convivência democrática.
- Consolidar uma cultura pessoal integradora que lhe permita reflectir sobre as realidades do mundo actual, nas suas múltiplas dimensões.
- Manifestar iniciativa e capacidade criativa, nas diversas oportunidades de intervenção e formas de expressão.
- Adquirir um domínio consistente das competências comunicativas, com especial incidência na capacidade de utilizar, com clareza e correcção, em contextos diversos, a língua portuguesa (falada e escrita).

VISÃO GERAL DOS CONTEÚDOS/TEMAS

CURSO TECNOLÓGICO DE ACÇÃO SOCIAL, CURSO TECNOLÓGICO DE DOCUMENTAÇÃO E CURSO TECNOLÓGICO DE TURISMO

Adopta-se neste programa uma estrutura temática com uma perspectiva cronológica descontínua, tendo como referência os programas dos cursos gerais, salvaguardando-se, assim, a já referida permeabilidade.

Ao programar - o que é sempre optar e seleccionar – houve a preocupação de definir a essencialidade dos conteúdos e as aprendizagens fundamentais e de identificar os conceitos estruturantes de modo a tornar o “Plano de Organização do Ensino Aprendizagem” exequível.

Procurou-se ter em linha de conta a especificidade dos cursos, o que se nos representa ser o perfil dos alunos, as exigências científicas, os objectivos visados com a transposição didáctica dos saberes científicos para os saberes curriculares e as dimensões formativas.

Seguindo estes princípios destacamos intencionalmente alguns períodos marcantes e problemáticas especialmente significativas da evolução da humanidade, com a opção de uma maior incidência na História Contemporânea e de uma valorização e maior visibilidade da História de Portugal no contexto da civilização europeia e da História mundial.

A História da Época Contemporânea reveste-se de particular importância para a compreensão da actualidade. Proporciona ainda uma multiplicidade de recursos e, logo, de oportunidades de trabalho, que importa saber explorar, tanto pelo seu valor informativo, como pelas “metodologias” que permite exercitar, ao serviço da formação global dos alunos.

Os diferentes temas possibilitarão uma oportuna evidência da multiplicidade de vertentes que integram o objecto histórico. Adoptamos, todavia, como elemento integrador da História a ensinar, uma dimensão do social valorizadora das diversas realidades humanas (não perder de vista que a História estuda as sociedades no tempo). No elenco dos patamares significativos da realidade histórica, há que saber integrar o cultural, o político, o institucional, as mentalidades...

O quotidiano da gente comum, tal como as figuras e as realizações de maior vulto, dever-se-ão cruzar numa História vivencial e humanizada, eventualmente mais motivadora. A dimensão mais narrativa (o como) e a dimensão mais explicativa (o porquê) não se opõem; antes, pelo contrário, completam-se.

De acordo com um princípio de adequação aos interesses específicos dos alunos dos três cursos tecnológicos, nos diversos temas de aprofundamento destacam-se aspectos relativos à cultura, ao património e à sociedade. Caberá aos professores, no contexto escolar, gerir criteriosamente o programa, sabendo privilegiar algumas destas focagens temáticas, não perdendo de vista por um lado a preparação dos alunos para uma actividade (profissão) e por outro a aprendizagem de competências necessárias ao desenvolvimento da formação em contexto de trabalho que poderá ter lugar nas disciplinas de especificação curricular.

TEMAS/CONTEÚDOS	
10º ANO	11º ANO
<p>MÓDULO 0 – ESTUDAR /APRENDER HISTÓRIA</p> <ul style="list-style-type: none"> 1. <u>A História: tempos e espaços</u> <p>MÓDULO 1 – CIDADE E IMPÉRIO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA</p> <ul style="list-style-type: none"> 1. <u>O legado grego – democracia e cidadania</u> 2. <u>A ordem romana - cidade e império</u> <p>MÓDULO 2 – PORTUGAL NO CONTEXTO DA EUROPA MEDIEVAL</p> <ul style="list-style-type: none"> 1. <u>O espaço português: a consolidação de um reino cristão ibérico</u> 2. <u>O dinamismo urbano (séculos XIII e XIV)</u> <p>MÓDULO 3 - A EUROPA DO SÉCULO XV AO SÉCULO XVIII: SOCIEDADE, PODER E CULTURA</p> <ul style="list-style-type: none"> 1. <u>A Europa nos séculos XV e XVI: uma nova visão do mundo</u> 2. <u>O Renascimento e a criação cultural</u> 3. <u>A Europa nos séculos XVII e XVIII: poder e imagem</u> 	<p>MÓDULO 4 – A EUROPA DO LIBERALISMO BURGUÊS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. <u>Rupturas com o Antigo Regime</u> 2. <u>A afirmação do liberalismo em Portugal</u> 3. <u>A modernização da sociedade nos países industrializados</u> <p>MÓDULO 5 – REGIMES E IDEOLOGIAS NA EUROPA DO SÉCULO XX: PORTUGAL DA 1ª REPÚBLICA À DEMOCRACIA NOS NOSSOS DIAS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. <u>O processo de regressão das democracias liberais. O Portugal do Estado Novo</u> 2. <u>O mundo saído da 2ª Guerra Mundial. Portugal do autoritarismo à democracia</u> <p>MÓDULO 6 – TRANSFORMAÇÕES DA MENTALIDADE E DA CULTURA NO SÉCULO XX</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. <u>Criatividade e experimentalismo na cultura contemporânea</u> 2. <u>A irradiação da cultura de massas</u> 3. <u>Globalização e pluralidade na cultura contemporânea</u>

SUGESTÕES METODOLÓGICAS GERAIS

O ensino da História evoluiu e terá de corresponder, da melhor forma, aos desafios de uma escola em mudança. O próprio conceito de conteúdo disciplinar é hoje mais amplo e rico, não se confinando a um conhecimento memorístico (dos acontecimentos e dos factos históricos). A lógica organizativa amplia a noção de conteúdo de aprendizagem. A área curricular organiza-se em conteúdos de três naturezas: conceptuais (factos, conceitos, generalizações); processuais (técnicas, estratégias, métodos) e atitudinais (desenvolvimento de atitudes e promoção de valores).

Espera-se muito da disciplina de História, mas importa ter presente que o seu valor não depende apenas do que se ensina, mas do como se ensina. As metodologias adoptadas serão, pois, fundamentais na consecução dos objectivos gerais da disciplina, não só no domínio cognitivo, mas, ainda, nos domínios das aptidões / competências e das atitudes / valores.

Não é obviamente desejável preconizar, de forma rígida, estratégias e actividades, uma vez que é da responsabilidade dos professores a concepção e organização das diversas experiências de aprendizagem, perante contextos concretos de gestão do currículo. Não se limitam, pois, as possibilidades de trabalho dos docentes, enquanto profissionais críticos e reflexivos. Ao longo do programa apresentam-se propostas de estratégias/actividades e recursos, sem qualquer carácter normativo, que devem esclarecer o professor sobre a articulação das várias componentes curriculares e facilitar-lhe as tarefas de planificação. Pretende-se que constituam um estímulo para um trabalho necessariamente criativo, a desenvolver em interacção com os alunos e o meio.

Insiste-se, compreensivelmente, numa diversificação de estratégias – tendente a evitar a monodocência - que deverá proporcionar uma mais eficaz adequação pedagógica, tendo em conta o diferente perfil dos alunos, e contribuir para a efectivação de um ensino mais motivador e envolvente. A mesma diversificação corresponderá a um oportuno aproveitamento dos múltiplos recursos didácticos e a uma melhor exploração do valor formativo das diferentes estratégias.

Houve a intenção de propor pistas e roteiros de actividades passíveis de se adequarem aos contextos, de identificar e disponibilizar recursos, por forma a proporcionar o enriquecimento das tarefas de ensino e o reforço de aprendizagens significativas. Todo este conjunto de sugestões deve ser visto apenas como auxiliar para a gestão pedagógico-didáctica do programa. Ao professor fica aberto um largo campo de decisão.

A adopção de aulas de noventa minutos tem implícita uma reformulação de práticas, apresentando um novo quadro de trabalho que terá de ser convenientemente considerado na planificação do processo ensino - aprendizagem. As aulas deverão ter um pendor teórico-prático, variando o peso da componente prática em função da própria sequência dinâmica das actividades planificadas. Há que saber aproveitar esta realidade, no sentido da utilização de métodos activos, centrados no trabalho e na intervenção do aluno, em interacção não só com o professor e o grupo turma, mas também com a escola e o meio.

O método expositivo, desde que devidamente pensado e preparado pelo professor, terá ainda um papel a desempenhar, numa utilização oportuna e em conjugação equilibrada com outras metodologias de ensino, explorando conscientemente o poder da análise e da síntese, o apelo da narrativa e o estímulo do discurso reflexivo. A formulação eficaz de questões, de tipo diverso e com diferentes funções num contexto de aula, continuará também a ser uma competência prestimosa, a dominar com mestria.

O recurso às metodologias de descoberta (mais ou menos guiada e orientada) exige uma ponderação realista das oportunidades e das condições de concretização. Tenha-se em conta a relevância de cada trabalho concreto, perante os conteúdos do programa e a sua exequibilidade de acordo com o tempo disponível, os recursos existentes e o perfil dos alunos. Muitas vezes, poderão ser mais proveitosas pequenas experiências de aprendizagem de âmbito bem definido, correctamente adaptadas e estruturadas, do que esporádicas realizações de maior ambição e

aparato. Aliás, é por essa via que se poderão confrontar os alunos sistematicamente com diferentes áreas de problematização e promover o desenvolvimento de várias competências.

É, ainda, através de actividades concretas bem orientadas que se poderão desenvolver diversas competências básicas, fundamentais pelo seu carácter transversal, muito em particular o domínio da língua materna e da capacidade de comunicação oral e escrita e a utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação.

O paradigma racionalista e as investigações no campo da psicologia têm levado a sobrevalorizar a “inteligência formal” e as estruturas cognitivas, em detrimento de outras componentes decisivas da personalidade e do carácter. A pedagogia tem sido excessivamente tributária de tais princípios. Na prática pedagógica o professor é tentado a esquecer a pessoa que “mora no aluno”. E, no entanto, é bem possível que a escola chegasse mais longe, mesmo no desenvolvimento das estruturas cognitivas, se não existisse o receio de pisar os movediços (e atraentes) terrenos da emotividade, da afectividade, da imaginação e da criatividade.

Em todas essas experiências de construção e partilha do saber, é fundamental que o professor saiba utilizar os mais diversos tipos de documentos históricos, promovendo uma exploração rica e participada, enquanto recursos válidos num contexto pedagógico. O documento, no seu sentido mais amplo - desde o importante e decisivo documento escrito até ao documento iconográfico -, que o professor não deverá hesitar em didactizar, sempre que as circunstâncias o aconselhem, poderá ser a base de uma aprendizagem participada e envolvente da História; é em seu torno que se desenvolvem saberes e se exercitam capacidades.

O professor de História deverá poder enriquecer a reflexão dos alunos através de uma oportuna problematização, passando, nomeadamente, pela articulação dinâmica entre o passado e o presente, o local e o geral, o indivíduo e a sociedade. De igual forma, importa saber relacionar o concreto e o abstracto, o descritivo e o interpretativo, a dimensão narrativa e a conceptualização.

Na planificação das actividades, há que privilegiar sequências de ensino - aprendizagem que proporcionem um correcto encadeamento aula a aula e uma proveitosa articulação entre a aula e o trabalho a realizar fora da mesma (estudo individual, exercícios práticos, trabalho em grupo, pesquisa e recolha de informação, saídas de campo...). A coerência de todo este processo condicionará certamente o desempenho do aluno e a sua evolução, fomentando-se o desenvolvimento de interesses e uma maior autonomia e responsabilidade. A orientação e o acompanhamento por parte do professor serão fundamentais, mas o aluno deve participar na definição dos processos, insistindo-se numa estratégia de co-responsabilização.

As aulas de noventa minutos deverão permitir uma exploração mais consequente dos diferentes momentos e situações, no contexto de um encadeamento lógico do processo ensino-aprendizagem, bem como um mais eficaz apoio ao aluno (nos seus trabalhos práticos e na sua aprendizagem em geral). O investimento no papel activo, interveniente e criativo dos alunos, contribuirá certamente para um melhor ritmo dos trabalhos e uma maior adesão aos mesmos, mediante desafios claros e motivadores, bem secundados pelos necessários estímulos e materiais de apoio.

Espera-se que possa haver mais tempo dedicado ao lançamento, acompanhamento e apreciação ou correcção de trabalhos realizados fora da aula; mais tempo para a exploração criteriosa de documentos e recursos didácticos diversificados, para o trabalho de grupo e o multiplicar das oportunidades de interacção e, em geral, para o trabalho autónomo dos alunos. Espera-se que possa haver mais tempo para a apresentação de trabalhos, sob formas diversas, e respectiva discussão; para a concretização de dramatizações e experiências de *role-play*; para a observação de obras de arte e outras expressões do génio humano; para o visionamento e audição de excertos de filmes e gravações áudio; para a construção de sínteses com os alunos; para a elaboração de quadros sinópticos ou a produção de textos. Mais tempo, por fim, para a oportuna realização de exercícios de avaliação diagnóstica e formativa, integrados na dinâmica de um avaliação continuada, parte integrante do processo ensino-aprendizagem.

Fora da sala de aula e da própria escola, merecem destaque as várias oportunidades de exploração dos recursos do meio, em virtude do seu valor pedagógico: aplicação de saberes, socialização e integração em contextos vividos, contactos com problemáticas do passado e do presente, exploração da memória individual e colectiva; leitura histórica, tratamento dos patrimónios, promoção de uma consciência ambiental.

Numa abertura às realidades do nosso tempo, haverá que saber criar oportunidades e orientar os alunos na exploração das novas tecnologias da informação e da comunicação. Se a promoção do livro e da leitura continua a ser uma prioridade a exigir persistência, imaginação e estratégias variadas, no caso destas tecnologias estamos perante um desafio recente, para a escola e para o professor, relativamente ao qual teremos de definir condições e orientações claras e criativas de exploração.

Perante uma limitação de meios que condicione uma utilização mais sistemática das novas tecnologias na sala de aula, nomeadamente através de computadores portáteis e sistemas de projecção (*data-show*), há que explorar outros espaços escolares e o trabalho fora dos tempos lectivos. O recurso ao CD-ROM e à Internet abre um universo de novas possibilidades de aprendizagem e integração, mas cabe ao professor e à escola estimular uma utilização criteriosa e metódica destes novos meios. Destaque-se, ainda, a importância da imagem e o poder dos media, para os quais teremos de formar a sensibilidade e o sentido crítico dos nossos alunos. Neste, como noutros campos referidos, o formar para ... passa necessariamente por um formar através de ... ou seja, mediante experiências de aprendizagem intencionais que contribuam para facilitar ao aluno a sua inserção na sociedade.

RECURSOS

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

A exploração dos recursos do meio exige o acesso a informação específica e a utilização de fontes muito diversas. Para lá das bibliotecas e mediatecas de âmbito geral, deverá incentivar-se nas escolas a dinamização de **um centro de documentação local e regional**. Professores e alunos poderão, assim, ter fácil acesso a material de apoio que lhes facultará um melhor conhecimento do meio envolvente, tendo em vista, muito em particular, a concepção e concretização de trabalhos práticos, centrados em metodologias activas.

Este centro de documentação poderá integrar concretamente:

Publicações com interesse para o estudo da região (obras gerais com artigos ou capítulos relativos à mesma, estudos monográficos, excertos de censos nacionais, fontes primárias publicadas...).

Publicações periódicas empenhadas no estudo, divulgação e valorização da história e do património, no âmbito local e regional.

Reproduções de artigos diversos de publicações periódicas, antigas ou actuais, regionais ou nacionais, relativas a factos e a realidades do passado local.

Documentos escritos e iconográficos originais ou cópias, relacionados com os múltiplos aspectos da vida local (gravuras e fotografias antigas, postais ilustrados, programas de festividades e espectáculos...)

Cartas da região (escalas de 1:25.000, 1:50.000, 1: 100.000), plantas antigas e actuais do espaço urbano (consulta dos PDM e PU locais), mapas de antigos roteiros turísticos, projectos de construção mais significativos (plantas e alçados).

Registos sonoros, fotográficos ou em vídeo produzidos pela escola ou entidades locais (entrevistas ou histórias de vida, diapositivos e videogramas sobre a história e bens patrimoniais da região).

Arquivo ou banco das actividades já desenvolvidas pela escola, reunindo planificações (objectivos, recursos, metodologias de trabalho) e preservando a informação recolhida em trabalhos de especial interesse (dossiers temáticos, bases de dados referentes ao levantamento do património).

AVALIAÇÃO

A avaliação é o suporte fundamental da eficácia do processo ensino-aprendizagem, não apenas enquanto forma de certificação dos resultados obtidos, mas sobretudo como instrumento regulador desse mesmo processo.

Não estão, propriamente muito enraizadas, entre nós, ideias de que avaliar pode significar “motivar”, “aprender”, “melhorar”, ou de que outros instrumentos para além dos testes, podem ter um papel muito positivo no desenvolvimento das aprendizagens. É, por isso, necessário consolidar uma avaliação integrada no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, uma avaliação interna de natureza formativa, contínua, sistemática e diferenciada.

MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

É na sua dimensão pedagógica, como elemento integrante do processo de ensino-aprendizagem, que a avaliação assume um papel decisivo. Para tal, é necessário que ela seja prosseguida de forma *contínua* e que vise uma finalidade *formativa* e não *judicativa*.

Convirá que no processo de avaliação - e particularmente na sua modalidade formativa - confluem os resultados da *hetero* e da *auto - avaliação*, confrontando-se as conclusões do professor com as percepções dos próprios alunos, num diálogo que propicie o aprofundamento das situações e a procura de novas directrizes para reorientação do ensino e da aprendizagem.

Importa ainda que a avaliação não se confine exclusivamente à apreciação dos produtos, por muito fundamentais que sejam, mas que se focalize também sobre os *procedimentos* e *processos* desenvolvidos pelo aluno no decurso da aprendizagem. Os processos entendem-se, pois, como conteúdos de ensino-aprendizagem, conteúdos formais e não substantivos, que, pelo seu valor operacional, são especialmente importantes.

O professor deverá pôr em prática as seguintes *modalidades* de avaliação:

- A avaliação **formativa** que se traduzirá:
 - No *diagnóstico*, no início de cada ano ou etapa fundamental, das capacidades e aptidões dos alunos, a fim de determinar pontos de referência em relação aos quais se verificará a progressão.

Não se esqueça o espaço reservado à *avaliação diagnóstica*, no 10º ano de escolaridade, para prever mecanismos de recuperação e de acompanhamento sistemáticos que previnam e despistem o "choque" da transição do Ensino Básico para o Ensino Secundário.

- Numa apreciação *qualitativa* e descritiva, frequente e tanto quanto possível sistemática, das aquisições e progressos realizados, assim como das insuficiências a superar.

A avaliação *formativa* deve ser dominante a nível da sala de aula e de escola devido ao seu papel fundamental de regulação do ensino e da aprendizagem. L. Allal (1988) distingue três "formas reguladoras" que esta modalidade pode (e deve) assumir : *interactiva*, *retroactiva* e *pró-activa*.

O processo contínuo e interactivo de recolha e análise de informação contribui, efectivamente, para planear e organizar o desenvolvimento do currículo, tomar decisões sobre os recursos, a progressão na aprendizagem, diagnosticar dificuldades, fornecer um *feedback* efectivo ao aluno e ao professor e aumentar a motivação e a auto-estima dos estudantes. Como afirma Perrenoud (1993), "é a avaliação que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar".

A avaliação de tipo formativo não se pode considerar, ainda *formadora*. Será esta que se deve perseguir. Numa avaliação *formadora*, para além da regulação pedagógica resultante do reinvestimento dos dados obtidos durante a avaliação *contínua*, é valorizada a representação correcta, pelos alunos, das intenções educativas, prevendo-se que estes se apropriem da acção. Pressupõe, assim, uma redistribuição do poder do avaliador... (Carlinda Leite). A avaliação é vista como um instrumento de formação de que "o aluno disporá para atingir os seus objectivos pessoais e construir o próprio percurso da aprendizagem".

- A avaliação **sumativa**, através de provas que permitem verificar a consolidação de uma gama mais vasta de conhecimentos e capacidades, no termo das grandes unidades de ensino - aprendizagem.

OS OBJECTOS DA AVALIAÇÃO

Os objectos sobre que incide a avaliação - tanto a formativa, como a sumativa - encontram-se naturalmente delimitados pelo cruzamento dos objectivos gerais com os conteúdos enunciados no programa. Porque os conteúdos não se situam só no domínio dos *saberes académicos* (conhecimentos), mas respeitam a domínios do *saber-fazer* (desenvolvimento de *capacidades/competências*) e do *saber-ser e saber-estar* (promoção de valores e atitudes), a avaliação deverá contemplar esses três domínios.

Quanto ao domínio dos *conhecimentos*, impõe-se proceder a uma hierarquização de objectivos. A avaliação incidirá preferencialmente no âmbito da compreensão e aplicação de conceitos e relações, na análise e síntese das informações adquiridas. A localização espaço-temporal é um requisito indispensável no estudo da História e considera - se igualmente vantajosa a capacidade de identificação de factos e de outros elementos informativos; ao nível do Ensino Secundário, porém, o aluno será sobretudo solicitado a saber seleccionar, organizar e utilizar a informação em contextos adequados.

No domínio das *capacidades/aptidões*, nenhum dos objectivos pode posicionar-se em plano secundário. A avaliação da aquisição de conhecimentos deverá integrar assim uma avaliação de capacidades, porque estas constituem o elemento estruturante da construção cognitiva. Respeitando a avaliação deste domínio fundamentalmente ao campo dos *procedimentos*, decorrerá no terreno das múltiplas actividades e tarefas que, de acordo com as recomendações do programa, deverão ser desenvolvidas pelos alunos, incluindo o trabalho de projecto.

Uma avaliação focalizada, deste modo, nas *capacidades* do aluno assume uma dimensão formativa que ultrapassa a mera função de classificação e de certificação académica.

O facto de se conceder prioridade ao desenvolvimento das capacidades não deverá conduzir à minimização do conhecimento substantivo, mais estático, suportado pela memória, mas implicando igualmente as faculdades da compreensão.

A avaliação no domínio das *atitudes* e dos *valores* aparece integrada nas situações activas de aprendizagem. Todavia, a susceptibilidade que assume a avaliação deste domínio exige prudência: acentuar-se-ão, sobretudo, as atitudes e os valores que dizem respeito ao esforço, ao empenhamento e ao espírito de cooperação investido nas tarefas e a capacidade de decidir e agir com autonomia.

DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA

Dado que, no 10º ano, as “estratégias de recuperação e de acompanhamento dos jovens devem ter uma particular relevância, com especial incidência nas primeiras semanas de aulas”, introduziu-se um módulo inicial – módulo 0 – com a duração de 6 tempos lectivos. Deverão ser especialmente trabalhados, com os alunos, requisitos e conceitos prévios considerados verdadeiramente “essenciais e estruturantes”. Numa perspectiva de “acompanhamento e recuperação”, os professores deverão proceder a uma avaliação diagnóstica, tanto para a reorientação dos alunos como para o delinear de estratégias de recuperação.

No âmbito dos restantes módulos identificam-se unidades didáticas com um perfil distinto, sendo umas de sensibilização e outras de aprofundamento ou desenvolvimento temático. Este planeamento de abordagens diferenciadas não deve, obviamente, ser entendido como um coarctar das responsabilidades do professor e da escola no processo de desenvolvimento curricular, constituindo apenas uma clarificação que ajudará a balizar o seu trabalho enquanto criadores de currículo. Afinal, é essa margem de flexibilidade, associada a uma verdadeira e consciente atitude curricular, que permitirá uma articulação criativa de conteúdos e estratégias e, em geral, um ajustamento da acção pedagógica determinante do sucesso educativo.

Os perfis das unidades encontram-se definidos da seguinte forma:

Unidades de sensibilização

- Controlo de competências prévias e prática de uma avaliação formativa contínua, com um papel regulador do processo ensino-aprendizagem que permita aferir dificuldades concretas e necessidades de remediação.
- Distinção clara do essencial e do acessório, mediante opções bem definidas:
 - Recuperação de conteúdos do Ensino Básico.
 - Opção por estratégias eficazes, em função de uma gestão realista do tempo.

Unidades de aprofundamento

- Ênfase da História de Portugal, como base, muitas vezes, para a abordagem e compreensão da História geral.
- Integração de conhecimentos em novos contextos de problematização.
- Recurso a métodos activos, articulando o saber e o saber - fazer e privilegiando o acesso à informação e o contacto com os múltiplos testemunhos do passado, incentivando a descoberta, a reflexão crítica e o debate.
- Exploração pedagógica do património cultural em função de abordagens temáticas concretas e da sua articulação com o nosso tempo.
- Valorização das capacidades de realização e de criatividade do aluno, expressas em processos e produtos diversos, numa dinâmica aberta à comunidade que transcenda a sala de aula.

MÓDULO 0 – ESTUDAR/APRENDER HISTÓRIA

Orientação Geral

- O módulo reveste-se de um carácter propedêutico, devendo ser desenvolvido em função das seguintes intenções:
 - Conhecer a situação dos alunos, a partir de uma avaliação diagnóstica, relativamente ao conhecimento histórico e às competências específicas e transversais com ele relacionadas* *
 - Delinear estratégias de superação das dificuldades que venham a detectar-se
 - Aplicar mecanismos de recuperação e de acompanhamento
 - Proceder à recuperação orientada dos grandes quadros cronológicos e espaciais proporcionados pelas aprendizagens previstas no Ensino Básico
 - Sensibilizar para a importância e o significado do conhecimento histórico como referente da inteligibilidade do mundo contemporâneo
 - Valorizar os saberes dos alunos, visando a reorientação e o desenvolvimento de atitudes favoráveis à aprendizagem
- Deverão ser excluídas teorizações sobre metodologias da História e sobre o estatuto epistemológico do conhecimento histórico

Tempo previsto

6 aulas (9 horas)

CONTEÚDOS	CONCEITOS/NOÇÕES ESSENCIAIS	SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM
1. <u>A História: tempos e espaços</u> <ul style="list-style-type: none"> • Quadros espaço-temporais; períodos históricos e momentos de ruptura • Processos evolutivos; a multiplicidade de factores 	Fontes históricas Tempo histórico Cronologia Periodização Patrimónios Condicionaismos Interdisciplinaridade	<ul style="list-style-type: none"> • Dadas as características deste módulo, o professor, como criador de currículo, deverá construir caminhos adequados aos contextos e às necessidades dos alunos. • Os tópicos enunciados não devem ser abordados de uma forma sequencial, mas antes vistos e tratados como direcções de aprendizagem, no contexto de uma exploração integrada e organizada em função dos eixos maiores do tempo e do espaço.

* Ver página 18

<ul style="list-style-type: none"> • Trocas culturais e simultaneidade de culturas • História nacional e História universal – interacções e especificidade do percurso português 		<ul style="list-style-type: none"> • A abordagem à noção de período histórico decorrerá, essencialmente, da análise da multiplicidade de documentos, acentuando-se, sobretudo, as mutações e o carácter contrastante das diferentes épocas. • A recolha e tratamento da informação devem resultar de um trabalho, guiado pelo professor, de selecção e consulta de documentos e recursos - em suportes variados e devidamente didactizados – de diversa natureza e índole (enciclopédias, atlas, colecções documentais, dados numéricos, dados informáticos...), escritos e iconográficos, áudio e audiovisuais. Documentos alusivos a aspectos materiais e do quotidiano; documentos relacionados com monumentos, com sítios classificados, com vestígios arqueológicos... • Sugere-se, ainda, que se privilegiem documentos que constituam exemplos marcantes de cada uma e das diversas épocas. A análise de variadíssimos documentos – os documentos vão muito para além das “fontes históricas” – deve ser cruzada, elucidativa acerca dos períodos e dos temas estudados e complementada com outras informações. • Importa ainda que o professor, face à sobredensificação da informação, ensine o aluno a procurá-la, a sistematizá-la e a avaliar a sua pertinência. • A avaliação diagnóstica deverá possibilitar a aferição de dificuldades linguísticas (nos domínios da oralidade e da escrita). Deverão, por isso, ser utilizadas técnicas de comunicação oral e trabalhados e produzidos textos para cultivar essas competências e incentivar a interactividade entre a oralidade e a expressão escrita. <p>☉ <u>Instrumentos da avaliação diagnóstica:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação e de registo. • Questionários. • Testes formativos - matriz de objectivos, critérios de correcção. • Relatórios de actividades. • Trabalhos de índole diversa. <p>☉ <u>Sugestões de actividades com vista à</u></p>
--	--	--

		<u>atualização/aquisição de conhecimentos essenciais:</u> <ul style="list-style-type: none"> • Formas de estudar: resumos, levantamento de questões, memorização, organização da informação, análises e sínteses. • Formas de produção de conhecimentos: recolha, avaliação e apresentação da informação, relatórios, trabalhos escritos, fichas de leitura, apresentações orais e elaboração de projectos simples.
--	--	---

- Consideram-se como aprendizagens relevantes as que são contempladas na matriz de competências essenciais promovidas no Ensino Básico, destacando-se:
 - Compreender a noção de período histórico, como resultado de uma reflexão sobre permanências e mutações nos modos de vida das sociedades.
 - Organizar quadros cronológicos e espaciais da História de Portugal e da História Geral estabelecendo inter-relações.
 - Reconhecer a diversidade de documentos e a necessidade de uma leitura crítica.
 - Exercitar a prática de recolha de informação e da sua transformação em conhecimento.
 - Desenvolver a noção de relativismo cultural.

(*)

COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS PROMOVIDAS NO ENSINO BÁSICO
<u>TRATAMENTO DE INFORMAÇÃO /UTILIZAÇÃO DE FONTES</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Participar na selecção de informação adequada aos temas em estudo; interpretar documentos com mensagens diversificadas; formular hipóteses de interpretação de factos históricos; realizar trabalhos simples de pesquisa, individualmente ou em grupo. • Inferir conceitos históricos a partir da interpretação e análise cruzada de fontes com linguagens diversas (textos, imagens, mapas e plantas, tabelas cronológicas, gráficos e quadros). • Utilizar meios informáticos no tratamento gráfico da informação (mapas e gráficos), no processamento de informação e comunicação de ideias e consulta, interpretação, organização e avaliação da informação.
<u>COMUNICAÇÃO EM HISTÓRIA</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar diversas formas de comunicação escrita, nomeadamente, na produção de biografias, diários, narrativas, resumos, sínteses, relatórios aplicando o vocabulário específico da História na descrição, relação e explicação dos diferentes aspectos da sociedade. O uso correcto da expressão escrita em língua portuguesa é fundamental nestas actividades. • Utilizar correctamente a expressão oral da língua portuguesa e a emissão de opiniões fundamentadas, através da narração/descrição e participação em pequenos debates, mesas – redondas, painéis, apresentações orais de trabalhos. • Analisar e produzir materiais iconográficos (plantas/mapas, gráficos, tabelas, quadros, frisos cronológicos, organigramas, esquemas) enriquecendo a comunicação com a sua utilização. • Utilizar os meios informáticos como suporte da comunicação.

COMPREENSÃO HISTÓRICA:

◆ TEMPORALIDADE

- Identificar e caracterizar as principais fases da evolução histórica e os grandes momentos de ruptura do processo evolutivo.
- Localizar no tempo eventos e processos, estabelecer relações entre passado e presente.
- Explicitar as dinâmicas temporais que impulsionam as sociedades humanas (permanências, transformações, desenvolvimentos, evoluções, crises, rupturas e revoluções).

◆ ESPACIALIDADE

- Localizar e situar no espaço, com recurso a formas diversas de representação espacial.

◆ CONTEXTUALIZAÇÃO

- Distinguir aspectos de ordem demográfica, económica, social, política e cultural e estabelecer relações entre eles.
- Interpretar o papel dos indivíduos e dos grupos na dinâmica social.
- Relacionar a História nacional com a História universal, abordando a especificidade do caso português.

MÓDULO 1 - CIDADE E IMPÉRIO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Orientação Geral

O módulo 1 deve ser desenvolvido em função das seguintes intenções:

- Iniciar o estudo da Cidade grega e da Cidade romana pela definição de cada uma dessas unidades políticas e culturais: a *pólis*, comunidade participativa de cidadãos e a Cidade - Império, *urbs orbis*, como modelo aglutinador de um vasto espaço urbanizado
- Centrar a herança da Antiguidade Clássica nos aspectos que se prendem com o exercício da cidadania e que remetem para domínios culturais revisitados ao longo dos tempos
- Avaliar aspectos do legado cultural do "período clássico", essenciais para a compreensão das raízes culturais da civilização europeia
- No âmbito cronológico, este módulo restringe-se ao estudo dos séculos V e IV a.C. para a Grécia e aos séculos I e II para Roma. Excluem-se os respectivos processos de génese e de evolução

Tempo previsto

10 aulas, sendo os pontos 1. e 2.1. de sensibilização e o ponto 2.2. de aprofundamento. Sugerem-se 6 aulas (9h) para o tratamento dos pontos de aprofundamento.

CONTEÚDOS	CONCEITOS /NOÇÕES ESSENCIAIS	SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM
<p>1. <u>O legado grego – democracia e cidadania</u></p> <p>1.1. Educação para a cidadania em Atenas: espaços de aprendizagem e espaços do exercício público do poder</p>	<p>Pólis Cidade-estado Acrópole, Ágora Democracia Cidadão Meteco Escravo Teatro Jogos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Análise da planta de Atenas para identificação dos espaços definidores da <i>pólis</i>. • Reconstituição do quotidiano de um cidadão ateniense. • Observação/análise de planta e imagem de um teatro grego. • Elaboração de biografias de personalidades que tenham exercido influência relevante na sociedade grega. • Organização de um glossário de vocábulos portugueses de origem grega. <p><u>Sugestões para trabalhos em equipa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ⊗ Organização/debate sobre a "Democracia ateniense e a democracia nos nossos dias". ⊗ Os jogos olímpicos da era moderna iniciaram-se em 1896, tendo sido relançados pelo francês Pierre de Coubertin. Os alunos devem imaginar que são colaboradores nesse projecto que será divulgado em todos os países. Proceder à recolha de informações sobre os jogos olímpicos da Grécia antiga e elaborar um trabalho mostrando quais os ideais que podem ser transpostos para os nossos tempos.
<p>2. <u>A ordem romana - cidade e império</u></p> <p>2.1. Roma, cidade ordenadora de um império urbano</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os espaços urbanos das manifestações cívicas, do sagrado e do lazer. O <i>fórum</i>, "coração da cidade" • A padronização do urbanismo: o utilitarismo e o pragmatismo. A arquitectura; o gosto pela monumentalidade <p>2.2. A Romanização do império</p> <ul style="list-style-type: none"> • Veículos da cultura e da civilização: exército, funcionários, agentes económicos; língua, religião e direito • A romanização do actual território português 	<p>Urbe Império Cúria Basílica Teatro Anfiteatro Circo Termas Urbanismo Município Direito</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração/análise de mapas representando o império, no período considerado, a rede viária e as principais cidades. • Localização na maquete de Roma dos espaços urbanos dedicados às manifestações religiosas, às actividades cívicas e de lazer; ver ainda, <i>site</i> na Internet (www.unicaen.fr/rome/visites.html) para exploração de uma maquete da cidade de Roma. • Visionamento de excertos de <i>Roma Imperial</i>, col. <i>As Grandes Descobertas da Arqueologia</i>, nº 1 Ed. Planeta di Agostini. • Recolha de documentos escritos e iconográficos com vista à reconstituição da vida quotidiana na cidade romana. • Organização de um glossário de termos de arte. • Leitura de um dos álbuns da série Alix de Jacques Martin. • Visionamento de excertos do filme <i>Gladiador</i> de Ridley Scott (2000).

		<p><u>Sugestões para trabalhos em equipa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ⊙ Trabalho no âmbito da história local/regional sobre vestígios da presença romana em Portugal recorrendo ao estabelecimento de contactos, através do correio electrónico, com instituições (escolas, câmaras, associações locais de defesa do património...) de localidades onde se encontrem vestígios da presença romana.
--	--	--

- Consideram-se aprendizagens relevantes :
 - reconhecer Atenas, no século V a.C., como cidade-estado em que se desenvolveu a primeira experiência democrática;
 - relacionar o sentido utilitarista e pragmático dos romanos com as suas principais criações técnicas, artísticas e jurídicas;
 - reconhecer o urbanismo e o direito como importantes criações da civilização romana;
 - avaliar, no espaço português, os instrumentos de afirmação do domínio romano e a importância da romanização;
 - desenvolver a sensibilidade estética, através da identificação e da apreciação de manifestações artísticas do período clássico.

MÓDULO 2 - PORTUGAL NO CONTEXTO DA EUROPA MEDIEVAL

Orientação Geral:

O módulo 2 deve ser desenvolvido em função das seguintes intenções:

- Consolidar conhecimentos relativos às circunstâncias em que nasceu e se afirmou o reino de Portugal
- Explicitar o contributo de dois movimentos complementares para a definição do território português: os avanços da Reconquista em direcção ao Sul e a emancipação dos laços de tipo feudal em relação ao reino de Leão e Castela
- Abordar a cidade, no âmbito do dinamismo urbano do séculos XIII e XIV, como pólo de desenvolvimento de uma nova mentalidade e de formas económicas, culturais e artísticas, elementos caracterizadores de uma sociedade em mudança. Deve ter-se em conta, sobretudo, a caracterização dos diversos agentes e a organização dos diferentes espaços, com as suas funções cívicas e culturais
- Em todos os "subtemas" o eixo de análise deverá centrar-se no estudo do "caso português" em articulação com o "modelo europeu". Será, assim, possível detectar particularismos e especificidades que o caracterizam

Tempo previsto:

20 aulas , sendo os pontos 1.1.,1.2., 2.1. e 2.2. de sensibilização e o ponto **2.3.** de aprofundamento. Sugerem-se 8 aulas (12 h) para o tratamento do ponto de aprofundamento.

CONTEÚDOS	CONCEITOS /NOÇÕES ESSENCIAIS	SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM
<p>1. <u>O espaço português: consolidação de um reino cristão ibérico</u></p> <p>1.1 Do Condado Portucalense ao Reino de Portugal</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconquista cristã: cristãos e muçulmanos – convivência e confronto • A definição do espaço nacional: o país rural e senhorial; o país urbano e concelhio. O poder régio • O castelo (estrutura, função e valor simbólico) <p>1.2. A arte nos primórdios da nacionalidade: o românico</p> <p>2. <u>O dinamismo urbano (séculos XIII e XIV)</u></p> <p>2.1. A cidade, pólo dinamizador da vida económica</p> <ul style="list-style-type: none"> • A expansão da economia urbana em Portugal: o incremento do comércio interno; o artesanato e as corporações • Portugal no cruzamento das rotas do mar Mediterrâneo com as do mar do Norte <p>2.2.. A nova sociedade e a nova mentalidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • A cidade medieval: organização do espaço urbano. O estatuto de liberdade; a importância crescente da burguesia <p>2.3. Património, cultura e religiosidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • O tempo das catedrais e dos paços 	<p>Honra Reguengo Couto Carta de foral Concelho Cavaleiro - vilão Homens-bons Pelourinho Cortes</p> <p>Arco de volta inteira Transepto Ábside Contraforte</p> <p>Burgo Corporações Mesterais Feiras Mercados Arcobotante Arco quebrado Abóbada de ogivas Vitrail Iluminura Manuscrito Sagrado Profano Trovador Jogral Universidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observação de mapas e construção de frisos cronológicos referentes aos avanços e retrocessos da reconquista cristã na Península Ibérica. • Recolha, em função de classificações temáticas, de vocábulos portugueses de origem árabe. • Elaboração/análise de mapas com a distribuição dos senhorios e concelhos. • Leitura /análise de uma carta de foral. • Observação e legendagem de plantas e alçados de construções românicas. • Preparação de visita de estudo na localidade/região a monumento/museu com interesse para a temática do românico. • Visita de estudo a um castelo medieval, como meio de recriar, de forma aproximada, aspectos característicos da época. • Organização de um glossário de termos de arte românica. <p><u>Sugestões para trabalhos em equipa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ☉ Elaboração de um pequeno dossier sobre a Mértola muçulmana com recurso à Internet - <i>site</i> www.alentejodigital.pt/mertola/. ☉ Recolha e exploração de lendas e histórias populares sobre "mouros" para reflectir sobre a presença de elementos alusivos à civilização islâmica. <ul style="list-style-type: none"> • Observação/análise de reproduções de iluminuras e vitrais representando cidades e actividades mercantis e artesanais. • Recurso a plantas e fotografias aéreas dos centros históricos das cidades, identificando a função dos diversos espaços e a sua inserção na malha urbana. • Trabalho sobre a evolução da planta de um centro urbano português: A cidade medieval e a cidade dos nossos dias. • Levantamento de vestígios medievais na toponímia local; os arruamentos e seu significado. • Observação de esquemas da construção gótica e legendagem dos elementos arquitectónicos. • Organização de um pequeno glossário de termos da arte gótica. • Preparação de visita de estudo a um dos grandes centros da arquitectura gótica portuguesa: Alcobaça, Batalha, Santarém.

<ul style="list-style-type: none"> • Gótico, arte do mundo urbano; a sua difusão em Portugal • As ordens mendicantes • Clérigos e leigos: manifestações da cultura popular e da cultura cortesã • As instituições de ensino e a fundação da Universidade portuguesa 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de quadros/síntese comparativos entre a arte românica e a arte gótica. • Análise da planta dum mosteiro medieval, relacionando as várias dependências com o tipo de actividades aí desenvolvidas. <p><u>Sugestões para trabalhos em equipa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ⊙ Actividade criativa (do tipo resolução de problemas): os alunos pertencem a uma associação de defesa do património e são convidados para realizar um programa de televisão sobre um centro histórico. Divididos em grupos irão seleccionar testemunhos patrimoniais que ilustrem a vida local na Idade Média (pelourinhos, antigas casas de câmara, largos do mercado, fontes e cisternas, muralhas...) e produzir o texto explicativo para o referido programa. ⊙ Organização de <i>dossiers</i>, exposições e/ou guiões de visita sobre aspectos da história local: núcleos urbanos medievais, feiras e mercados... ⊙ Elaboração de um diaporama ou de um videograma sobre a cidade medieval, integrando vestígios monumentais e reproduções de documentos iconográficos (iluminuras, pinturas...). ⊙ Actividade criativa (do tipo resolução de problemas): D. Dinis e o clero português pretendem introduzir o ensino universitário em Portugal, nos finais do século XIII. O aluno, cardeal enviado pelo Papa, conhecedor de várias universidades europeias, escreverá uma carta para Roma, avançando razões a favor da criação dos Estudos Gerais em Portugal. <ul style="list-style-type: none"> • Sugerem-se alguns filmes que podem ser utilizados como recursos pedagógicos nas temáticas em estudo: <i>Robin dos Bosques</i> de Michael Curtiz (1938); <i>Excalibur</i> de John Boorman (1981); <i>Francisco de Assis</i> de F. Zeffirelli (1973); visionamento de excertos do filme <i>O Nome da Rosa</i> de Jean-Jacques Annaud (1986), seleccionados em função dos diversos conteúdos. • Leitura de <i>Por Amor das Cidades</i> de Jacques Le Goff. • Leitura/exploração de livros de Banda Desenhada: série <i>As Torres de Bois Maury</i> de Hermann (álbuns: <i>Babette</i>, <i>Eloísa de Montgri</i>, <i>Germain</i>); série <i>Os Companheiros do Crepúsculo</i> da autoria de Bourgeon • Pesquisa na Internet do site www.bnf.fr/enluminures para observação de preciosas iluminuras medievais..
---	--

- Consideram-se aprendizagens relevantes:

- identificar, como formas de relacionamento entre os mundos cristão e muçulmano, na Península Ibérica, os contactos pacíficos e os conflitos militares;
- explicar a formação de Portugal, no ambiente da Reconquista, como resultado dos encontros entre o "Norte cristão" e o "Sul islamizado";

- relacionar a distribuição dos senhorios e dos concelhos com o processo de formação do território nacional;
- identificar no Românico português as características de uma estética importada da Europa cristã; salientar o "cariz popular" da arquitectura e da escultura nas pequenas igrejas;
- integrar o dinamismo do mundo rural, a animação do comércio, do artesanato e dos núcleos urbanos portugueses, no contexto europeu do período em questão;
- relacionar o dinamismo da cidade com a importância crescente da burguesia;
- reconhecer na arte gótica manifestações artísticas da cidade burguesa, mercantil e corporativa;
- avaliar a importância da Igreja na dinâmica cultural da Idade Média;
- distinguir manifestações da cultura popular e da cultura erudita;
- reconhecer, na fundação das Universidades, a secularização da cultura.

MÓDULO 3 - A EUROPA DO SÉCULO XV AO XVIII: SOCIEDADE, PODER E CULTURA

Orientação geral

- módulo 3, abrangendo um longo período, deve ser desenvolvido em função das seguintes intenções:
 - Salientar, na abordagem da nova visão do mundo (séculos XV e XVI), o contributo dos portugueses nas trocas e cruzamentos culturais
 - Abordar, numa visão integrada dos séculos de formação da modernidade (XV e XVI), as inovações culturais (mentalidade, ideias, cultura, arte, ciência)
 - Evidenciar as realizações, obras e autores da cultura portuguesa, quer enquadrando-a nas grandes linhas culturais europeias, quer destacando as suas manifestações mais específicas
 - Promover o conhecimento dos elementos definidores do poder político dos séculos XVII e XVIII, destacando as manifestações do poder régio no período joanino e as políticas reformistas pombalinas
 - Enquadrar a estética barroca no contexto da Contra-Reforma e ressaltar a sua importância como instrumento da afirmação absolutista

Tempo previsto

22 aulas, sendo os pontos 1., 2.1., 2.4., e 3.2. de sensibilização e os pontos 2.2. ou 2.3. e 3.1. de aprofundamento. O ponto 2.2. deverá ser aprofundado no Curso Tecnológico de Documentação e o ponto 2.3. nos Cursos Tecnológicos de Acção Social e Curso Tecnológico de Turismo. Sugerem-se 12 aulas (18 horas) para o tratamento dos dois pontos de aprofundamento.

CONTEÚDOS	CONCEITOS /NOÇÕES ESSENCIAIS	SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM
1. <u>A Europa nos séculos XV e XVI: uma nova visão do mundo</u> 1.1. O encontro de povos e culturas • Contactos com os povos da África Negra; o tráfico de escravos	Miscigenação Aculturação Tráfico negreiro	• Análise de mapas com vista à localização das áreas culturais e políticas dominantes no mundo extra-europeu e das áreas ocupadas pelos impérios coloniais ibéricos no século XVI. • Audição de músicas sobre a temática da expansão (Fausto <i>Por Este Rio Acima</i> e <i>Auto da Pimenta</i> de Rui Veloso, <i>A Malta das Naus</i> ,

<ul style="list-style-type: none"> • Permanência sem integração no Oriente; permutas culturais • mestiçagem e aculturação no continente americano: ameríndios, africanos e europeus 	<p>Mercado</p>	<p>poema de António Gedeão e música de Manuel Freire) e comentário de alguns textos poéticos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura e análise de textos (adaptados) significativos da <i>Peregrinação</i> de Fernão Mendes Pinto. • Recolha de elementos para um debate/dramatização com Bartolomeu de las Casas e os seus opositores sobre a escravidão dos índios. • Recolha e tratamento de vocábulos portugueses de origem africana, asiática e ameríndia e de vocábulos portugueses que entraram nas línguas das regiões orientais (caso do Japão). <p><u>Sugestões para trabalhos em equipa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Realização de um videograma sobre a escravatura sugerindo-se, para a recolha de materiais o texto sobre a partilha dos escravos de Gomes Eanes de Zurara e o conto "Manuel Canarinho" in <i>Três Estórias (pouco) Doces</i> de Augusto José Monteiro.
<p>2. <u>O Renascimento e a criação cultural</u></p> <p>2.1. Condições sociais da produção cultural</p> <ul style="list-style-type: none"> • A ostentação das elites cortesãs e burguesas • A valorização da cultura, o apoio à produção cultural e a revolução da imprensa <p>2.2. Os caminhos abertos pelos humanistas</p> <ul style="list-style-type: none"> • A valorização das línguas e dos textos clássicos • O individualismo, a liberdade da razão e a dignificação do Homem • A exaltação da vida e dos temas humanos; crítica social e utopia 	<p>Renascimento Individualismo Mecenato Classicismo Antropocentrismo Humanista Naturalismo <i>Sfumato</i> Pintura a óleo "Manuelino" Experiencialismo Revolução copernicana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Análise de mapas com a localização dos principais centros renascentistas. • Elaboração de uma biografia de Guttenberg e trabalho de pesquisa sobre as origens da imprensa. • Leitura de alguns excertos de <i>O Elogio da Loucura</i> de Erasmo e de <i>Gargântua e Pantagruel</i> de Rabelais. • Realização de fichas de leitura de textos de autores portugueses que documentem aspectos característicos da mentalidade renascentista: Gil Vicente, Camões, António Ferreira. • Análise de obras de arte renascentistas identificando a inspiração clássica, as inovações estéticas e as marcas da nova mentalidade. • Identificação de elementos da época de Quinhentos (na zona onde se localiza a escola, caso existam) para avaliar a importância, no campo do urbanismo, das realizações deste período (em especial do reinado de D. Manuel). • Visita a sites de museus para recolha de informações e visionamento de grandes obras do Renascimento. Por exemplo: Museu do Louvre http://www.louvre.fr/.

<p>2.3. A reinvenção das formas artísticas</p> <ul style="list-style-type: none"> • A imitação e a superação dos modelos greco-romanos • A expressão naturalista na escultura e na pintura, a perspectiva • Harmonia e equilíbrio na arquitectura: adopção de formas geométricas simples; decoração de influência clássica • A persistência das estruturas góticas e a implantação da arquitectura renascentista em Portugal <p>2.4. A abertura à ciência moderna</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ciência e técnica – a cartografia, a construção naval e os instrumentos náuticos • A observação e descrição da natureza: do empirismo ao experiencialismo; a matematização do real e as leis científicas • A revolução das concepções cosmológicas 	<p>Antigo Regime Paternalismo monárquico Academia Biblioteca Reforma/Contra – Reforma</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de biografias de personalidades marcantes do Renascimento. • Leitura e comentário do poema de António Gedeão <i>Poema para Galileo</i> confrontando a "velha" e a "nova" ciência. <p><u>Sugestões para trabalhos em equipa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ☉ Selecção de monumentos e outras manifestações da "arte manuelina" e elaboração de um programa de visita de estudo. ☉ Recolha de material sobre a temática renascentista; (reproduções de obras de arte, esquemas, comentários, músicas) para organização de dossier ou de uma pequena exposição. ☉ Trabalho de grupo sobre o experiencialismo confrontando a visão tradicional com a visão moderna do mundo. Será fundamental a recolha de informações na literatura de viagens, nos roteiros e na cartografia portuguesa dos séculos XV e XVI. <ul style="list-style-type: none"> • Visionamento de <i>Os Portugueses e o Mar, A Viagem das Plantas e As caravelas dos Descobrimentos</i> do Grupo ME para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (1992). • Visionamento de excertos de filmes, acompanhados por guiões de observação/trabalho sobre a temática do Renascimento: <i>Um Homem para a Eternidade</i> de Fred Zinnemann (1966), <i>Galileo</i> de Joseph Losey (1975). • Visita de estudo ao Visionário (Europarque) em especial às salas Magalhães - Odisseia da Terra e Hubble – Odisseia do Universo. <ul style="list-style-type: none"> • Exploração do site oficial do Palácio de Versalhes (http://www.chateauversailles.fr/) com vista à realização de um trabalho sobre as cortes régias e as imagens do poder. • Levantamento de alguns aspectos do estado do país e da vida quotidiana portuguesa em escritos de visitantes estrangeiros. • Leitura de <i>Marquês de Pombal</i> de Clara Dias com ilustração de José Garcês.
<p>3 <u>A Europa nos séculos XVII e XVIII: poder e imagem</u></p> <p>3.1 O absolutismo régio</p> <ul style="list-style-type: none"> • O poder divino dos reis • A imagem faustosa do poder real; as cortes régias 		

<ul style="list-style-type: none"> • A afirmação da monarquia absoluta em Portugal: D. João V e o espectáculo do poder; as relações internacionais, o ouro do Brasil • O reformismo pombalino: a modernidade e o compromisso com o passado <p style="text-align: center;">3.2. A estética barroca</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exuberância, simbolismo e sentido cenográfico • A arte e as condições de produção artística em Portugal nos séculos XVII e XVIII: as vivências do religioso e a lição tridentina; a prosperidade financeira e as realizações do período joanino • Manifestações do barroco português: disciplinas e obras representativas (nos planos nacional e regional/local). 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise de textos de "estrangeirados" retirando os contributos para o reformismo pombalino. • Estudo de projectos arquitectónicos do tempo do Marquês de Pombal evidenciando o seu pragmatismo (Lisboa, Vila Real de Santo António, Universidade de Coimbra). • Estudo de obras e manifestações do barroco português enquadrando-as na religiosidade dos séculos XVII e XVIII (consulta do <i>site</i> da DGEMN - www.monumentos.pt/ajuda.html). • Elaboração de um glossário de termos de arte barroca. <p><u>Sugestões para trabalhos em equipa:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ⊗ Organização de uma exposição subordinada ao tema: <i>O barroco, estética ao serviço do poder</i>. Os alunos devem proceder à leitura e análise de descrições de cerimónias públicas e "embaixadas joaninas", salientando as manifestações do absolutismo português; comentar documentos iconográficos representando figuras alegóricas e apoloéticas do aparato absolutista; realizar uma visita a monumento local ou a colecções de museus que permitam a leitura de características do barroco; elaborar registos gráficos e /ou fotográficos; organizar todo o material; elaborar legendas e um pequeno catálogo da exposição. Apresentação da exposição à escola. ⊗ Preparação de uma visita de estudo ao Convento de Mafra recorrendo a <i>site</i> da Internet sobre o barroco, a bibliografia específica e à leitura de algumas páginas do <i>Memorial do Convento</i> de José Saramago. ⊗ Actividade criativa: os alunos trabalham na redacção de uma revista ilustrada que se propõe publicar uma reportagem/divulgação da arte barroca na região. Cabe-lhes como tarefa destacar exemplos particularmente ilustrativos de arquitectura, talha, azulejaria, pintura... que acompanharão com pequenos textos ou legendas explicativas. <ul style="list-style-type: none"> • Visita de estudo ao Aqueduto das Águas Livres em Lisboa. • Visionamento de excertos dos filmes <i>A Tomada do Poder por Luís XIV</i> de Rossellini (1966) e <i>Barry Lyndon</i> de Stanley Kubrick (1975). • Audição e comentário de excertos de obras musicais deste período (em especial de Carlos Seixas)
---	---

- Consideram-se aprendizagens relevantes:
 - localizar os espaços de contacto entre os portugueses e os povos "encontrados", referindo os contactos multicivilizacionais;
 - explicar a importância da imprensa na divulgação do pensamento, da cultura e da ciência;
 - relacionar a renovação cultural dos séculos XV e XVI com a prosperidade económica das áreas onde teve origem e com o apoio das elites laicas e religiosas;
 - reconhecer como características da nova mentalidade renascentista o individualismo, a dignificação do Homem e a liberdade da razão;
 - compreender a perspectiva integradora do homem e da natureza patente nas manifestações culturais renascentistas;
 - reconhecer a reinvenção de formas artísticas que caracterizou o Renascimento;
 - relacionar a persistência das estruturas góticas com a tímida implantação de modelos renascentistas em Portugal;
 - relacionar o espírito crítico renascentista e as grandes viagens marítimas com o nascimento da ciência moderna;
 - caracterizar o poder absoluto e a influência do modelo francês na viragem para o século XVIII, destacando a realidade portuguesa do período joanino;
 - identificar manifestações do barroco, relacionando o seu desenvolvimento, no período joanino, com a prosperidade financeira;
 - identificar na política reformista pombalina tentativas para, no quadro do absolutismo, aproximar Portugal dos novos modelos europeus;
 - interpretar o projecto de reconstrução urbanística, após o terramoto de 1755, como uma nova concepção do espaço urbano e afirmação do poder;
 - reconhecer na exuberância cenográfica do barroco um instrumento do absolutismo e da religiosidade da contra-reforma.

BIBLIOGRAFIA

1. Ensino/Aprendizagem da História

1.1. Bibliografia geral

- ABRANTES, J. C. (1992). *Os Media e a Escola: da imprensa aos audiovisuais no ensino e na formação*. Lisboa: Texto Editora.
- CALADO, I. (1994). *A Utilização Educativa das Imagens*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, A. D. (org.) (1995). *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora.
- CASTRO, L. B. et al. (1994). *Gerir o Trabalho de Projecto: um manual para professores e formadores* (4ª ed.). Lisboa: Texto Editora.
- COELHO, C. et al. (1999). *Dicionário Breve de Informática e Multimédia*. Lisboa: Presença.
- CORTESÃO, L. (1996). *Avaliação Formativa - Que Desafios?* (2ª ed.). Porto: Asa. (Cadernos Pedagógicos, 20).
- EGAN, K. (1992). *O Desenvolvimento Educacional*. Lisboa: Dom Quixote.
- EGAN, K. (1994). *O Uso da Narrativa como Técnica de Ensino*. Lisboa: Dom Quixote.
- ESTRELA, A. e NÓVOA, A. (org.) (1993). *Avaliações em Educação: novas perspectivas*. Porto: Porto Editora.
- FONSECA, A. M. (2000). *Educar para a Cidadania: motivações, princípios e metodologias*. Porto: Porto Editora.
- FREITAS, C. V et al. (1997). *Tecnologias de Informação e Comunicação na Aprendizagem*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- KIRKBY, C. et al. (1995). *Apoios e Complementos Educativos: teoria e prática*. Lisboa: Texto Editora.
- LEITE, C. et al. (1995). *Avaliar a Avaliação* (2ª ed.). Porto: Edições Asa (Cadernos Pedagógicos, 14).
- LEITE, E. et al. (1993-1994). *Trabalho de Projecto* (3ª ed.). Porto: Afrontamento.
- LEMOES, V. et al. (1998). *A Nova Avaliação da Aprendizagem: o direito ao sucesso* (5ª ed.). Lisboa: Texto Editora.
- MARQUES, R. (1998). *Ensinar Valores: teorias e modelos*. Porto: Porto Editora.
- MARQUES, R. (1983). *Mudar a Escola: novas práticas de ensino*. Lisboa: Livros Horizonte.
- NOVA, E. V. (1994). *Educar para o Ambiente. Projectos para a Área- Escola*. Lisboa: Texto Editora.
- ONTORIA, A. et al. (1994). *Mapas Conceptuais. Uma técnica para aprender*. Porto: Edições Asa.
- RIBEIRO, A. C. (1990). *Desenvolvimento Curricular* (2ª ed.). Lisboa: Texto Editora.
- RIBEIRO, A. C. (1990). *Objectivos Educacionais no Horizonte do Ano 2000* (2ª ed.). Lisboa: Texto Editora.
- ROLDÃO, M. C. (1999). *Os Professores e a Gestão do Currículo: perspectivas e práticas em análise*. Porto: Porto Editora.
- SÁENZ BARRIO, O. (dir.) (1986). *Didáctica General* (4ª ed.). Madrid: Anaya.
- SILVA, T. T. (2000). *Teorias do Currículo: uma introdução crítica*. Porto: Porto Editora.
- UNESCO (1999). *Educação: um tesouro a descobrir* (relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI) (6ª ed.). Porto: Asa.

1.2. Bibliografia específica

- ALVES, L. A. (1998). História e cidadania: o desafio do futuro, in *O Estudo da História*, n.º 3. Lisboa: APH.
- APH. Boletim da Associação dos Professores de História, 1ª, 2ª [*O Estudo da História*] e 3ª séries [*O Ensino da História*]. Lisboa: APH.
- BARCA, I. et al. (2000). *De Pequenininho se Aprende a Pensar. Formar opinião na aula de História e Geografia de Portugal*. Lisboa: APH (Cadernos Pedagógico- Didáticos).
- BROOKS, R. et al. (1993). *The Effective Teaching of History*, London, N. Y.: Longman.
- CALDEIRA, A. (1989-90). O documento na aula de História[...], in *O Estudo da História*, n.º 10-11. Lisboa: APH.
- CHOPPIN, A. (1992). *Les Manuels Scolaires: Histoire et actualité*. Paris : Hachette.
- CITRON, S. (1990). *Ensinar a História Hoje: a memória perdida e reencontrada*. Lisboa: Livros Horizonte.

- DUARTE, A. (1994). *Educação Patrimonial* (2ª ed.). Lisboa: Texto Editora.
- FÉLIX, N.e ROLDÃO, M. C. (1997). *Dimensões Formativas de Disciplinas do Ensino Básico: História*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- FERRO, M. et al. (1996). *Les Médias et l'Histoire*. Paris : CFPJ Editions.
- GARCÍA BLANCO, Á. (1994). *Didáctica del Museo: el descubrimiento de los objetos*. Madrid: Ed. de la Torre.
- GRANJA, C. (1992). As imagens da banda desenhada e o ensino da História, in *Primeiro Encontro sobre o Ensino da História. Comunicações*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GUBERN, R. (1981). *El Lenguaje de los comics* (4ª ed.). Barcelona: Península.
- MANIQUE, A. P. e PROENÇA, M. C. (1994). *Didáctica da História: Património e História Local*. Lisboa: Texto Editora.
- MATTOSO, J. (1999). *A Função Social da História no Mundo de Hoje*. Lisboa: APH (Col. Estudos).
- MATTOSO, J. (2000). A História Hoje: que História ensinar?, in *Noesis*, 54 (Abril/Junho). Lisboa: IIE.
- MONIOT, H. (1993). *Didactique de la Histoire*. Paris : Nathan.
- MONTEIRO, A. J. (1997). *Imaginação e Criatividade no Ensino da História: o texto literário como documento didáctico*. Lisboa: APH (Cadernos Pedagógico- Didácticos).
- PROENÇA, M. C. (1989). *Didáctica da História*. Lisboa: Universidade Aberta.
- PROENÇA, M. C. (1990). *Ensinar / Aprender História: questões de didáctica aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ROLDÃO, M. C. (1999). Evolução das metodologias e práticas de ensino da História no sistema educativo português, in *O Ensino da História*, nº 15. Lisboa: APH.
- ROLDÃO, M. C. (1998). *Gostar de História: um desafio pedagógico* (5ª ed.). Lisboa: Texto Editora.
- ROLDÃO, M. C. (1995). Racionalidade e imaginário na aprendizagem significativa da História, in *XII Encontro de Professores de História da Zona Centro: Comunicações*. Coimbra.
- SOUSA, A. et al. (1993). *Novas estratégias novos recursos no ensino da História*. Porto: Asa.
- TAVARES, A. (2000). O computador no ensino da História, in *O Ensino da História*, n.º 18. Lisboa: APH.
- VICH, S. (1997). *La Historia en los Comics*. Barcelona: Glénat.
- VIDIGAL, L. (1996). *Os Testemunhos Oraís na Escola: História oral e projectos pedagógicos*. Porto: Edições Asa.

2. Conteúdos disciplinares

2.1. Bibliografia geral

- (*) ARIÈS, P. e DUBY, G. (dir.) (1989-1991). *História da Vida Privada*. Lisboa: Afrontamento/ Círculo de Leitores.
- (*) *Atlas da História Mundial - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1992). Lisboa: Editorial Enciclopédia.
- AZEVEDO, C. M. (dir.) (2000). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- BENEVOLO, L. (1995). *A Cidade na História da Europa*. Lisboa: Editorial Presença.
- (*) BRAUDEL, F. (1989). *Gramática das Civilizações*. Lisboa: Editorial Teorema.
- CHUECA GOITIA, F. (1989). *Breve História do Urbanismo*. (2ª ed.). Lisboa: Presença.
- COELHO, J. P. (dir.) (1984). *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas.
- DAVIES, N. (1996). *Europe: a history*. Oxford: Oxford University Press.
- DELOUCHE, F. (coord.) (1992). *História da Europa*. Coimbra: Minerva.
- DUBY, G. (dir.) (1996). *Atlas Historique: l'histoire du monde en 334 cartes*. Paris : Larousse.
- DUBY, G. (1992). *A História Continua*. Porto: Edições Asa.
- Encyclopédie de l'Art* (1991). Paris : L.G.F.
- GAL, R. (1993). *História da Educação* (3ª ed.). Lisboa: Vega.
- GODINHO, V. M.(1978). *Ensaio II: sobre História de Portugal* (2ª ed.). Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- GOMES, J. F. et al. (1988). *História da Educação em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GUBERN, R. (1996). *Del Bisonte a la Realidad Virtual: la escena y el laberinto*. Barcelona: Anagrama.
- História da Arte em Portugal* (1986). Lisboa: Alfa.
- JANSON, H.W. (1989). *História da Arte* (4ª ed.). Lisboa: Gulbenkian.
- LEDUC, J. (1999). *Les Historiens et le Temps : conceptions, problématiques, écritures*. Paris : Seuil.

- LÉON, P. (dir.) (1982-1984). *História Económica e Social do Mundo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- (*) MARQUES, A. H. O. (1985-1986). *História de Portugal* (12ª ed.). Lisboa: Palas.
- MATTOSO, J. (1988). *A Escrita da História: teoria e métodos*. Lisboa: Estampa.
- (*) MATTOSO, J. (dir.) (1993-1994). *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores/ Estampa.
- MEDINA, J. (dir.) (1998). *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Alfragide: Ediclube.
- MENDES, J.M. A. (1993). *A História como Ciência: fontes, metodologia e teorização* (3ª ed.). Coimbra: Coimbra Editora.
- PEREIRA, J. C. (coord.) (1990). *Dicionário Enciclopédico da História de Portugal*. Lisboa: Alfa.
- (*) PEREIRA, P. (dir.) (1995). *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- PIJOAN, J. (1989). *História da Arte*. Lisboa: Alfa.
- REIS, A. C. et al. (1996). *Atlas de História de Portugal* (7ª ed.). Porto: Edições Asa.
- RIBEIRO, O. (1998). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (7ª ed.). Lisboa: Liv. Sá da Costa.
- RICOEUR, P. (2000). *La Mémoire, l'Histoire et l'Oubli*. Paris : Seuil.
- RODRIGUES, A. S. (dir.) (1996). *História Comparada. Portugal, a Europa e o Mundo: uma visão cronológica*, s.l. Lisboa: Círculo de Leitores.
- RODRIGUES, A. S. (coord.) (1994). *História de Portugal em Datas*, s.l., Lisboa: Círculo de Leitores.
- RODRIGUES, M. F. e MENDES, J. M. A. (1999). *História da Indústria Portuguesa: da Idade Média aos nossos dias*. Mem Martins: Publicações Europa- América.
- SARAIVA, J. H. (dir.) (1984-1985). *História de Portugal*. Lisboa: Alfa.
- SERRÃO, J. V. (1995). *História de Portugal* (5ª ed.). Lisboa: Verbo.
- (*) SERRÃO, J. (dir.) (1981-1984). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Liv. Figueirinhas.
- BARRETO, A. e MÓNICA, M. F. (cord.) (1999). *Suplemento*, vol. 7 e 8. Porto: Liv. Figueirinhas.
- SERRÃO, J. e MARQUES, A.H. O. (dir.) (1987...). *Nova História de Portugal*. Lisboa: Presença.
- STADLER, W. (1996). *Une Histoire de la Sculpture* (trad. fr.). Paris : Bookking International.
- TORGAL, L. R., MENDES, J. A. e CATROGA, F. (1996). *História da História em Portugal (Sécs. XIX-XX)*. s.l., Lisboa: Círculo de Leitores.
- TORGAL, L. R. (1989). *História e Ideologia*. Coimbra: Minerva.
- UPJOHN, E. M. et al. (s.d.). *História Mundial da Arte*. Lisboa: Bertrand.
- VEYNE, P. (1987). *Como se Escreve a História*. Lisboa: Edições 70.
- VIDAL-NAQUET, P. et al. (1992). *Atlas Histórico: da Pré-História aos nossos dias*. Lisboa: Intercultura.

2.2. Bibliografia específica

Módulo 1

- ALARCÃO, A. (coord.) (1997). *Portugal Romano: a exploração dos recursos naturais*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- (*) ALARCÃO, J. (1995). *O Domínio Romano em Portugal* (3ª ed.). Lisboa: Europa- América.
- Edição actualizada que sistematiza os dados mais recentes sobre: divisões administrativas, estradas, *villae*, vida económica, religião, arte... cidades, *vici* e *castella*...
- ALARCÃO, J. (coord.) (1990). *Portugal das Origens à Romanização*. Lisboa: Presença (*Nova História de Portugal*, vol. I).
- AMOURETTI, M. C. et al. (1993). *O Mundo Grego Antigo: dos palácios de Creta à conquista romana*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- CHRISTOL, M. et al. (1993). *Roma e o seu Império*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- (*) FERREIRA, J. R. (1990). *A Democracia na Grécia Antiga*. Coimbra: Minerva.
- Tendo como ponto de referência a pólis ateniense, sobretudo nos séculos V e IV a. C., analisa o funcionamento do regime democrático, salienta as suas características e discute as principais críticas de que tem sido alvo. Em apêndice, publica-se um valioso conjunto de textos seleccionados, bem como um léxico abreviado de termos gregos políticos e sociais.
- FERREIRA, J. R. (1996). *Civilizações Clássicas I – Grécia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- FINLEY, M. (1988). *Os Gregos Antigos*. Lisboa: Edições 70.
- FINLEY, M. et al. (1992). *L'Heritage de la Grèce et de Rome*. (trad. franc.). Paris : Robert Laffont.
- (*) FRANCISCO MARTÍN, J. (1996). *Conquista y Romanización de Lusitania* (2ª ed.). Salamanca: Ed. Univ. Salamanca.
- GIARDINA, A. (dir.) (1992). *O Homem Romano*. Lisboa: Presença.
- GRIMAL, P. (1988). *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições 70.

- MARROU, H.-I. (1971). *História da Educação na Antiguidade* (2ª ed.). S. Paulo: Editora Herder.
- PEREIRA, M. H. R. (1993). *Estudos de História da Cultura Clássica* (7ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PEREIRA, M. H.R. (1995). *Hélade. Antologia da Cultura Grega*. (6ª ed.). Coimbra: Fac. de Letras, Inst. de Estudos Clássicos.
- WOODFORD, S. (1990). *Introducción a la Historia del Arte: Grecia y Roma* (trad. esp.). Barcelona: Gustavo Gili.

Módulo 2

- CHICÓ, M. T. (1981). *A Arquitectura Gótica em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- COELHO, M. H. C. (1990). *Homens, Espaços e Poderes (Séculos XI-XVI) I - Notas do viver social; II - Domínio Senhorial*. Lisboa: Livros Horizonte.
- COELHO, M. H. C. e MAGALHÃES, J. R. (1986). *O Poder Concelhio: das origens às Cortes Constituintes*. Coimbra: CEFA.
- (*) COELHO, M. H. C. e HOMEM, A. L. C. (coord.). (1996). *Portugal em Definição de Fronteiras (1096-1325): do Condado Portucalense à Crise do Século XIV*. Lisboa: Presença (*Nova História de Portugal*, vol. III).
- Cobre o período em análise. Estudo rigoroso e minucioso. Os mais variados aspectos do Portugal que define fronteiras e cria a sua alteridade no contexto peninsular e europeu.
- (*) DIAS, P. (1994). *A Arquitectura Gótica Portuguesa*. Lisboa: Estampa.
- Obra de síntese, com uma útil visão de conjunto sobre o tema. Faculta uma informação bastante rica, com natural destaque para as realizações consideradas “paradigmáticas”. O texto é acompanhado de oportunas referências bibliográficas e numerosas ilustrações (mapas, fotografias, alçados e plantas). Dedicada um capítulo final à arquitectura militar, das cercas e dos castelos.
- DUBY, G. (1994). *Guilherme, o Marechal: o melhor cavaleiro do mundo*. Lisboa: Gradiva.
- (*) DUBY, G. (1993). *O Tempo das Catedrais: a arte e a sociedade, 980-1420*. Lisboa: Estampa.
- Centrada na explicação das dinâmicas sociais e culturais que dão pleno significado às realizações artísticas medievais, esta obra apresenta uma visão geral organizada de acordo com a seguinte periodização: O mosteiro (980-1130) – a adolescência da Cristandade Ocidental; A catedral (1130-1280) – a Europa das catedrais; O palácio (1280-1420) – fundamentos de um novo humanismo.
- FERNANDES, H. (1996). Sociedade e economia nos campos – séculos XII a XIV, in *História de Portugal* (dir. João Medina), parte IV, vol. III. Amadora: Clube Internacional do Livro.
- GARCÍA DE CORTÁZAR, F. et al. (1997). *História de Espanha: uma breve história*. Lisboa: Presença.
- GOUREVITCH, A. (1991). *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa: Caminho.
- GOUREVITCH, A. (1996). *La Culture Populaire au Moyen Âge. “Simplices et Docti”* (trad. Fran.). Paris : Aubier.
- (*) HEERS, J. (1987). *Festas de Loucos e Carnavais*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Análise das festas, que abrange também os últimos séculos medievais, nas suas relações com as mentalidades e os poderes, com o sagrado e o profano.
- HEERS, J. (1994). *A Idade Média, uma impostura*. Porto: Edições Asa.
- História da Universidade em Portugal* (1997), I volume, tomo I (1290 -1536). Universidade de Coimbra - Fundação Calouste Gulbenkian.
- (*) KRUS, L. (1995). *Passado, memória e poder na sociedade medieval portuguesa*. Redondo: Patrimónia.
- LE GOFF, J. (1995). *A Civilização do Ocidente Medieval* (2ª ed.). Lisboa: Estampa.
- (*) LE GOFF, J. (dir.). (1989). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença.
- O homem medieval em todas as suas dimensões (incluindo a dimensão do imaginário). Um fresco completo, desde os monges às mulheres de família; desde os santos aos marginais...
- LE GOFF, J. (1993). *Os Intelectuais na Idade Média* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- (*) LE GOFF, J. (1999). *Por Amor das Cidades: conversas com Jean Lebrun*. Lisboa: Teorema.
- Luminosas e esclarecedoras “conversas” com Le Goff. Interrogação da cidade no período longo, com especial enfoque na Idade Média. Análises bem documentadas (com textos e imagens) das funções históricas da cidade e da evolução urbana.
- MARQUES, A.H. de O. et al. (1990). *Atlas de Cidades Medievais Portuguesas: Séculos XII-XV*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Univ. Nova de Lisboa.
- MARQUES, A.H. de O. (1982). Cidades Medievais Portuguesas (Algumas bases metodológicas gerais), in *Revista de História Económica e Social*, Nº9 (Jan./Junho).
- MARQUES, A.H. de O. (1988). *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa*. Lisboa: Presença.

- MARQUES, A.H. de O. (1987). *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Lisboa: Presença (Nova História de Portugal, vol. IV).
- MATTOSO, J. (1998). *A Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva.
- MATTOSO, J. (1995). *Identificação de um País: ensaio sobre as origens de Portugal (1096-1325)* (5ª ed.). Lisboa: Estampa.
- MATTOSO, J. (1997). *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa* (2ª ed.). Lisboa: Imprensa Nacional.
- MONTEIRO, J. G. (1999). *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média - presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Lisboa: Edições Colibri – FLUC.
- MOULIN, L. (1991). *La Vie des Etudiants au Moyen Age*. Paris : Albin Michel.
- RECHT, R. (1999). *Le Croire et le Voir: l'art des cathédrales (XIIe. – XVe. siècle)*. Paris : Gallimard.
- RODRIGUES, M. A. (1991). *A Universidade de Coimbra: marcos da sua história*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra.
- RUCQUOI, A. (1995). *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa.
- SARAIVA, A. J. (1991). *A Cultura em Portugal. Teoria e História*. Lisboa: Gradiva.
- TORRES, C. (1998). *O Legado Islâmico em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- VERGER, J. (1973). *Les Universités au Moyen Âge*. Paris : PUF.

Módulo 3

- ALBUQUERQUE, L. (1987). *As Navegações e a sua Projecção na Ciência e na Cultura*. Lisboa: Gradiva.
- ALVES, A. M. (s.d.). *As Entradas Régias Portuguesas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- (*) ARGAN, G. C. (1994). *L'Âge Baroque*. Genebra: Skira.
Obra que contempla aspectos marcantes: “a função das imagens”; “o Estado e a capital”; “imaginação e sentimento”; “persuasão e devoção”; “retórica e arquitectura...”
- AZEVEDO, C. (1988). *Solares Portugueses: introdução ao estudo da casa nobre* (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- BARRETO, L. F. (1989). *Os Descobrimientos e a Ordem do Saber: uma análise sociocultural* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- (*) BEBIANO, R. (1987). *D. João V. Poder e Espectáculo*. Aveiro: Estante.
Uma abordagem diferente da história política. As práticas de ostentação do poder e as suas encenações.
- BETHENCOURT, F. e CHAUDHURI, K. (dir.) (1998...). *História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.
- BOTTINEAU, Y. (1986). *L'Art Baroque*. Paris : Mazenod.
- BRAUDEL, F. (1992). *As Estruturas do Quotidiano: o possível e o impossível*. Lisboa: Teorema (Civilização Material, Economia e Capitalismo: Séculos XV-XVIII, vol.1).
- BUSTAMANTE GARCÍA, A. (1993). *El Siglo XVII. Clasicismo y Barroco*. Madrid: Sílex.
[Catálogo da] *Exposição: Lisboa e o Marquês de Pombal* (1982). 3 vols., Lisboa: Museu da Cidade.
- CHARTIER, R. (org.) (1998). *As Utilizações do Objecto Impresso (Séculos XV a XIX)*. Lisboa: Difel.
- CHAVES, C. B. (trad., pref. e notas) (1983). *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*. Lisboa: BN.
- CHAVES, C. B. (apres., trad. e notas) (1989). *Portugal nos Séculos XVII e XVIII: quatro testemunhos*. Lisboa: Lisóptima.
- DELUMEAU, J. (1984). *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa.
- DIAS, J. S. S. (1982). *Pombalismo e teoria política*. Lisboa: Centro de História da Cultura da Univ. Nova de Lisboa.
- DIAS, P. (1985). *A Arquitectura Manuelina*. Porto: Liv. Civilização Ed.
- DUBOIS, C.-G. (1973). *Le Baroque: profondeurs de l'apparence*. Paris : Larousse.
- (*) ELIAS, N. (1995). *A Sociedade de Corte* (2ª ed.). Lisboa: Estampa.
As cortes régias revestiam-se, nos séculos XVII e XVIII, de um carácter representativo e central. Destaque para: “a etiqueta e a lógica do prestígio” e “formação e evolução da sociedade de corte em França”.
- FERNANDEZ, D. *Dictionnaire de la Renaissance*. (1998). Paris : Albin Michel.
- (*) FRANÇA, J.A. (1987) *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Bertrand.
Estudo fundamental sobre a reconstrução de Lisboa no contexto da política esclarecida de Pombal. O sentido da intervenção urbanística pombalina, as políticas reformadoras e o inevitável contraste de modelos culturais e artísticos no Portugal de então.

- (*) GARIN, E. (dir.) (1991). *O Homem Renascentista*. Lisboa: Presença.
O homem do Renascimento nas suas vivências: política, religiosa, cultural, sócio- económica...
(Desde o filósofo ao mago, passando pela mulher e pelos viajantes...)
- GODINHO, V. M. (1980). *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa* (4ª ed.). Lisboa: Arcádia.
- GODINHO, V. M. (1990). *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar: séculos XIII-XVIII*. Lisboa: Difel.
- MACEDO, J. B. (1989). *A Situação Económica no Tempo de Pombal: alguns aspectos*. (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- MANDROU, R. (1973). *Des Humanistes aux Hommes de Science*. Paris : Seuil.
- MARAVALL, J. A. (1986). *La Cultura del Barroco: análisis de una estructura histórica*. (4ª ed.). Barcelona: Ariel.
- MECO, J. (1992). *Azulejaria Portuguesa*. (4ª ed.). Lisboa: Bertrand.
- MURRAY, P. (1979). *Arquitectura del Renacimiento* (trad. esp.). Madrid: Aguilar.
- PEREIRA, F. A. B. (1992). *História da Arte Portuguesa: Época Moderna*. Lisboa: Universidade Aberta.
- PEREIRA, J. F. (1986). *Arquitectura Barroca em Portugal*. Lisboa: Inst. Cultura e Língua Portuguesa.
- (*) PEREIRA, J. F. (dir.) (1989). *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença.
Sugerem-se, nomeadamente, os artigos: “Absolutismo”, “Etiqueta”, “Festa”, “Luxo”, “Rei - Sol”, de Rui Bebian, “Bibliotecas” de António Filipe Pimentel, “Arquitectura religiosa”, “D. João V”, “Estilo Barroco”, “Igreja, Palácio e Convento de Mafra”, de José Fernandes Pereira.
- (*) PIMENTEL, A. F. (1992). *Arquitectura e Poder. O real edifício de Mafra*. Coimbra: Instituto de História da Arte, FLUC .
Estudo do Palácio - Convento de Mafra e do seu significado no contexto do Estado joanino, considerando as perspectivas ideológicas, culturais e estéticas de um discurso e de uma prática política. Publica em apêndice diversos documentos relativos à obra de Mafra e à imagem do rei absoluto (inscrições, poesias, anagramas, memoriais, textos críticos e satíricos...).
- SANTOS, J.J. C. (1991) *Literatura e Política: pombalismo e antipombalismo*. Coimbra: Minerva.
- SEBASTIÁN, S. (1989). *Contrarreforma y Barroco: lecturas iconográficas e iconológicas* (2ª ed.). Madrid: Alianza.
- SMITH, R. C. (1962). *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- THOMAZ, L. F. (1994). *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel.
- VALVERDE, J. M. (1985). *El Barroco: una visión de conjunto* (3ª ed.). Barcelona: Montesinos.
- VILLARI, R. (dir.). (1995). *O Homem Barroco*. Lisboa: Presença.

Património e História Local

a) Enquadramento e orientação

- (*) ALARCÃO, J. (1988). *Introdução ao Estudo da História e do Património Locais*. (reimp.). Coimbra: Instituto de Arqueologia.
Obra de orientação prática, dedicada, em geral, a todos os interessados no estudo da História e do Património locais. Faculta indicações valiosas sobre fontes documentais e bibliografia básica.
- (*) ALMEIDA, A.A.M. et al. (1999). *O Património Local e Regional: subsídios para um trabalho transdisciplinar*. Lisboa: Departamento do Ensino Secundário.
Reunindo diferentes contributos, apresenta alguns textos de síntese sobre a problemática do património e, na segunda parte, propostas concretas de trabalho, bem estruturadas e fundamentadas, de âmbito pluridisciplinar.
- ANDRIEUX, J.Y. (1992). *Le Patrimoine Industriel*. Paris: PUF.
Obra de síntese que proporciona uma informação muito completa e constitui uma boa introdução ao tema. Esclarece conceitos fundamentais, identifica métodos, fontes e técnicas de estudo e reflecte sobre a realidade actual.
- (*) BOTÃO, M. F. (1999). *Particularismos do Regime Senhorial no Algarve Medieval: para uma abordagem pedagógica da história local*. Lisboa: APH (Col. Estudos).
Este pequeno trabalho constitui um exemplo de abordagem da História Local a propósito de uma rubrica programática. Evidencia os particularismos locais e regionais que compõem a história geral e proporciona informação bibliográfica e documental específica.
- (*) CALADO, M. (1991). Os estudos históricos no contexto da reabilitação urbana, in *Sociedade e Território. Revista de estudos urbanos e regionais*, n.º 14/15, Dezembro.
Artigo de reflexão sobre a cidade como objecto histórico, testemunho documental de actividade humana.

GRIFFIN, J. e EDDERSHAW, D. (1994). *Using Local History Sources: a teachers' guide for the National Curriculum*. London: Hodder & Stoughton.

Trata-se aqui de um livro especialmente dedicado aos professores, propondo uma exploração mais vasta e proveitosa das fontes locais, nomeadamente: artefactos, edifícios, censos, mapas, jornais, testemunhos orais e fotografias.

(*) MARTINS, J. S. (1993). *Levantamento Cultural: Exemplos e sugestões*. Aveiro: Estante Editora.

Para além de algumas orientações gerais, este trabalho proporciona exemplos práticos relativos aos métodos de inventariação e estudo do património.

(*) MENDES, J. M. A. (1990). Para uma Nova História Local: reflexões e perspectivas, in *Beira Alta*. Viseu: vol. XLIX, fascículos 1 e 2.

Neste pequeno artigo, o autor destaca alguns aspectos fundamentais para uma melhor compreensão do que deverá ser hoje a História Local, evidenciando a relevância e utilidade do seu estudo.

MOHEN, J.P. (1999). *Les Sciences du Patrimoine: identifier, conserver, restaurer*. Paris : Editions Odile Jacob.

Constitui uma síntese actualizada sobre a problemática da herança cultural e, em especial, sobre a realidade da preservação do património, reflectindo criticamente sobre múltiplos exemplos de intervenção.

(*) PACHECO, H. (1985). *Portugal: Património Cultural Popular*. Porto: Areal Editores.

Obra de sensibilização relativamente ao património cultural popular do nosso país. Contribui para uma melhor compreensão do mesmo, nas suas múltiplas expressões e na sua articulação com os diversos contextos vividos.

Património Arquitectónico e Arqueológico - Informar para proteger: Cartas e convenções internacionais. (1996). Lisboa: IPPAR.

Constitui uma colectânea de documentação internacional, relevante para a compreensão dos princípios que têm norteado as políticas do património. Na mesma colecção, e no mesmo ano, o IPPAR publicou uma colectânea da legislação nacional relativa à protecção do património.

(*) RODRIGUES, M. J. M. et al. (1996). *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura* (2ª ed.). Coimbra: Quimera.

Trata-se de uma obra de útil consulta, uma vez que reúne e esclarece um vasto conjunto de termos “usados no discurso sobre arquitectura e cidade”.

(*) SILVA, J. H. P. (1984). *Pretérito Presente (Para uma teoria da preservação do património histórico-artístico)*. Covilhã: Centro Cultural da Beira Interior.

Trabalho de reflexão que levanta algumas questões fundamentais na temática da preservação do património (conservar o quê?...), as quais permanecerão actuais, independentemente das respostas encontradas.

THUILLIER, G. e TULARD, J. (1992). *Histoire Locale et Régionale*. Paris : PUF.

Pequena obra de divulgação, empenhada na valorização da História Local. Reflecte sobre questões de fundo, essenciais para uma maior actualização de concepções e de práticas. Identifica princípios orientadores e apresenta algumas sugestões relativas a temáticas, fontes e métodos de estudo.

TROUX, A. (1972). *La Géographie et l'Histoire Locales: guide pratique pour l'étude du milieu*. Paris : Baillière.

Obra de orientação prática que continua a proporcionar indicações válidas relativamente ao estudo do meio local, em particular no que concerne à caracterização do espaço e das realidades humanas, nos meios rural e urbano.

b) Inventários, bibliografias e algumas sugestões de obras de consulta e fontes impressas
(a explorar mediante uma indispensável contextualização histórica e leitura crítica)

ALMEIDA, J. (1943). *Livro das Fortalezas de Duarte Darmas*. Lisboa: Ed. Império.

ARMAS, D. (reed.1990). *Livro das Fortalezas*. Fac.simile do Ms.159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa: Ed. Inapa.

BARBOSA, I.V. (1860-1862). *As Cidades e Vilas da Monarquia Portuguesa que têm Brasão de Armas*. Lisboa.

Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1935...)

CARDOSO, P. L. (1747-1752). *Dicionário Geográfico, ou Notícia Histórica de todas as Cidades, Vilas, Lugares e Aldeias, Rios, Ribeiras e Serras dos Reinos de Portugal e Algarve*. Lisboa: [publicação incompleta que apenas compreende as letras de A a C].

CASTRO, P. J. B. (1762-1763), *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa (3ª edição revista e

acrescentada por Manuel Bernardes Branco, Lisboa, Tip. do Panorama, 1870).

COSTA, P. A. C. (1706-1712). *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reino de Portugal*, Lisboa: (2ª edição, Braga, Tip. de Domingos Gonçalves Gouveia, 1868-1869).

FIGUEIREDO, A. M. (1933). *Subsídios para a Bibliografia da História Local Portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

Informações Paroquiais de 1721 e Memórias Paroquiais de 1758 [fontes eventualmente já publicadas no que concerne à região em estudo].

Inventário Artístico de Portugal. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes [em publicação, com volumes de vários autores a cobrirem parcialmente o país].

LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho (1873-1890), *Portugal Antigo e Moderno: dicionário geográfico, estatístico, corográfico [...] de todas as cidades, vilas e freguesias de Portugal e de grande número de aldeias*, Lisboa.

LIMA, D. P. (1962-1978), *Bibliografia Corográfica de Portugal*. Lisboa: Biblioteca Popular.

MEDEIROS, C. L. (coord.). (1990), *Bibliografia das Monografias Locais: síntese temática das artes e ofícios tradicionais*. Lisboa: Ministério da Educação.

IPPAR (1993). *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado: Inventário*. Lisboa: IPPAR [considera-se fundamental, nesta matéria, a consulta na Internet do site da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: <http://www.monumentos.pt>].

MC/ANTT (1995...). *Recenseamento dos Arquivos Locais: Câmaras Municipais e Misericórdias*. Lisboa: Ministério da Cultura e Arquivo Nacional da Torre do Tombo

SANTA MARIA, Frei Agostinho de (1707-1723), *Santuário Mariano*, Lisboa

(*) *Obras fundamentais para o tratamento do programa História C.*

BANDA DESENHADA

AMARAL, J. e CUNHA, R. C. (1994). *A Voz dos Deuses. Memórias de um companheiro de armas de Viriato* (Adaptação da obra de João Aguiar). Porto: Edições Asa.

Obra que mistura realidade e ficção; bom investimento na reconstituição histórica.

BOURGEON, F. *Os Companheiros do Crepúsculo* (1-“O Sortilégio do Bosque das Brumas”, 2-“Os Olhos de Estanho da Cidade Glauca”, 3-“O Último Canto das Malaterre”). Lisboa: Meribérica/Liber:

Série de culto. Obras de excelente qualidade estética, com histórias fantásticas, num tom pessimista, que têm como cenário, em especial, o mundo rural da guerra dos cem anos.

BOURGEON, F. *Os Passageiros do Vento* (3-“A Feitoria de Judá”, 4-“A Hora da Serpente”, 5-“Ébano”). Lisboa: Meribérica/Liber.

O tráfico de escravos (no último quartel de setecentos) e o choque de culturas convertem-se no tema principal de uma excelente série.

COELHO, E. T. (desenhos) e CORREIA, R. (texto) (1983). *O Caminho do Oriente*, 5 vols, Lisboa: Editorial Futura.

DENOEL, J. e MARTIN, J. (1999). *Les Voyages d' Alix . Le Costume Antique* (1) , Dargaud
A Descoberta do Mundo – “Orellana ao longo do Amazonas” de Enric Sicó, “Escalas no Brasil” de José Bielsa vol. 8; “Fernão de Magalhães, Primeira Volta ao Mundo” de Guido Buzzeli, “S. Francisco Xavier no país do Sol Nascente” de Eduardo Coelho, vol. 9. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

GARCÊS, J. (1983). *Eurico o Presbítero (adaptação do romance de Alexandre Herculano)*, (1ª publicação 1955 - 56) . Lisboa : Editorial Futura.

Romance histórico de Herculano, imbuído de “estigmas” românticos, adaptado e desenhado por Garcês. A preto e branco, de inspiração clássica (influências de Hogarth e de Foster).

HERMANN (1988-90). *As Torres de Bois Maury* (“Babette”; “Eloísa de Montgri”; “Germain”). Lisboa: Meribérica/Liber.

Fresco realista, sem idealizações, da sociedade feudal (séculos XI a XIII). O autor recolhe à sua maneira, com grande rigor histórico, alguns dos ensinamentos avançados por Duby e Le Goff. É porventura a série que melhor interpreta uma visão “omnicomprensiva” da Idade Média.

MARTIN, J. (1982-1989). *Alix* (4 – “A Tiara de Oribal”; 5 – “A Garra Negra”; 6 – “As Legiões Perdidas”; 7 – “O Último Espartano”; 8 – “O Túmulo Etrusco”; 11 – “O Príncipe do Nilo”; 12 – “O Filho de Espártaco”; 15 – “A Torre de Babel”; 16 – “Herkios, o Jovem Grego”). Lisboa: Edições 70.

Rigor e excelência nas reconstituições históricas (ambientes, cenários, monumentos, manifestações da civilização material, objectos do quotidiano).

PEÓN, V. (s/d.). *Gesta Heróica. Factos e Aventuras da História de Portugal*. Lisboa: Editorial O Livro.

REIS, A. C. (texto) e GARCÊS, J. (desenho). (1988). *Bartolomeu Dias* (Navegadores Portugueses). Lisboa: Edições Asa.

Longe do desenho clássico dos anos 50, com um grafismo pouco elaborado. Rigor histórico no texto e na pesquisa documental do ilustrador.

REIS, A. C. (texto) e GARCÊS, J. (desenho) (1987 - 1989). *História de Portugal em B.D.*: “A Pátria Lusitana” (vol. 1); “A Grande Aventura” (vol. 2); “A Restauração da Independência” (vol. 3); “A Revolução da Liberdade” (vol.4). Porto: Edições Asa.

Obra actualizada, com muitas e boas informações básicas. A B.D. ao serviço da História (faltam, no entanto, boas histórias!)

RUY, J. (1988). *Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação* (adaptado em banda desenhada por) (3ª ed.). Lisboa: Meribérica/ Liber.

RUY, J. (1988-1991). *Aventuras de Porto Bomvento*: (1. “Bomvento no Castelo da Mina”; 2. “Bomvento no Cabo da Boa Esperança”; 3. “Bomvento no Brasil”; 4. “Bomvento em Terras do Lavrador”; 5. “Bomvento no Cataio”). Porto: Edições Asa.

RUY, J. (1988). *Auto da Índia e Farsa de Inês Pereira. Gil Vicente*. Lisboa: Editorial Notícias.

RUY, J. (2000). *Pêro da Covilhã e a Misteriosa Viagem*. Lisboa: Âncora Editora.

Recomenda-se a leitura pela qualidade da investigação sobre a vida incrivelmente aventureira do herói Pêro da Covilhã (H’ammed).

RUY, J. (1983). *Os Lusíadas. Luís de Camões*, 3 vols. Lisboa: Editorial Notícias.

O texto quase integral de Camões, profusamente ilustrado.

UDERZO e GOSCINNY, *Uma Aventura de Astérix o Gaulês* (Vide, entre outros: “Astérix e os Godos”; “Astérix entre os Bretões”; “Astérix nos Jogos Olímpicos”; “Astérix na Hispânia”; “Astérix entre os Helvécios”; “O Domínio dos Deuses”; “Astérix e os Normandos”; “Astérix na Córsega”). Lisboa: Livraria Bertrand. (Reedições: Meribérica/Liber).

A civilização romana, com humor, anacronismos e estereótipos

CD-ROM

Enciclopédia Encarta 98, Microsoft, 1998, CD-ROM. PC.
Larousse Multimédia Encyclopédique, Larousse, 1998. CD-ROM. PC/MAC.
História do Mundo, Kindersley/Globo, 1997. CD-ROM. PC.
The Story of Civilization, World Library, Inc, 1996. CD-ROM. PC.
Enciclopédia Universal Multimédia, Texto Editora, 1997. CD-ROM. PC.
La mythologie antique, ODA/RMN, 1997. CD-ROM. PC/MAC.
Voyage in Greece, EMME Interactive, 1996. CD-ROM. PC.
Castelos de Portugal, Forum Multimédia, 1995. CD-ROM. PC.
L'Art du Moyen Age, Gallimard/RMN, 1996. CD-ROM. PC/MAC
Lumière gothique - Cathédrales de France, Kairos/RMN, 1996. CD-ROM. PC/MAC.
Cathédrales gothiques d'Europe, Kairos Vision/RMN, 1995. CD-ROM. PC/MAC.
The Renaissance of Florence, Philips Interactive Media, 1991 e 1995. CD-I e CD-ROM. PC/MAC.
Renaissance Gallery, Philips Interactive Media, 1992. CD-I.
Exploration and Colonization, Queue Inc, 1993. CD-ROM. PC/MAC.
Vida e obra de Luís de Camões, Porto Editora, 1996. CD-ROM. PC.
Masterpieces of Painting, EMME, 1996. 2 CD-ROM. PC.
Les Médicis, EMME Interactive, 1995. CD-ROM. PC/MAC.
Uffizi, Opera Multimedia, 1995. CD-ROM. PC.
Leonardo da Vinci. The painting, EMME Interactive, 1995. CD-ROM. PC.
Leonardo, the inventor, Softkey, 1996. CD-ROM. PC/MAC.
Botticelli, EMME Interactive, 1996. CD-ROM. PC/MAC.
The Mastery of Michelangelo, Queue Inc., 1992. CD-ROM. PC/MAC.
The Vatican: The Painting Gallery, EMME Interactive/Musei Vaticani, 1996. CD-ROM. PC/MAC.
Le Louvre - Le palais et ses peintures, Montparnasse Multimedia/Réunion des Musées Nationaux, 1994. CD-ROM. PC/MAC.
Le Grand Louvre, EMME Interactive, 1996. 2 CD-ROM. PC/MAC.
Art Gallery - The Collection of the National Gallery, London, Microsoft, 1993. CD-ROM. PC.
Art History Illustrated, Queu Inc., 1995. CD-ROM. PC/MAC.
A passion for art/Une passion pour l'art, Corbis, 1996. CD-ROM. PC.
Versailles 1685 (jogo educativo), Cryo, 1997. CD-ROM. PC/MAC.
O Triunfo do Barroco, Philips Interactive Media/Instituto Português de Museus, 1995. CD-I.
Lisboa, Philips Interactive Media, 1993. CD-I
All About Science, Queue Inc., 1991. CD-ROM. PC/MAC.

ENDERECOS NA INTERNET

CARÁCTER GERAL

<http://gallica.bnf.fr>, (Biblioteca Nacional Francesa) - 12 milhões de páginas, 35 mil obras.
www.encyclopedia.com - 14 mil artigos sobre temas variados.
www.encarta.msn.com - Além de informações de qualidade permite aceder a mapas interactivos.
www.infoplease.com - 57 mil artigos da última edição da Columbia Encyclopedia e dicionário com 125 mil entradas.
www.members.home.net/klanxner/lives - biografias, autobiografias, memórias, cartas, narrativas. (especial relevo para personalidades de África, Canadá e guerra civil americana).
www.artyclopedia.com. - enciclopédia virtual de arte, consulta pelo nome dos artistas, nacionalidade ou movimento artístico.

MUSEUS E INSTITUIÇÕES CULTURAIS

<http://www.aph.pt> Associação de Professores de História

<http://www.british-museum.ac.uk/> - Museu Britânico

<http://www.cncdp.pt> - Comissão Nacional dos Descobrimentos

<http://www.cidadevirtual.pt/mosteiro-jeronimos> Mosteiro dos Jerónimos – Torre de Belém

<http://www.museumarinha.pt> - Museu da Marinha

<http://www.eunet.pt/IPM/AANTIGA/aantiga.htm> – Museu Nacional de Arte Antiga

<http://www.uc.pt/MachCastro/top.html> – Museu Nacional Machado de Castro

<http://www.eunet.pt/IPM/AZULEJO/azulejo.htm>

<http://www.eunet.pt/IPM/COCHES/coches.htm>

<http://www.culture.gr/> Imagens e informação sobre a Grécia Antiga, permite estudar importantes monumentos, museus e sítios arqueológicos.

<http://www.indiana.edu/~kglowack/athens/> - Arquivo de imagens do património arqueológico e arquitectónico da cidade de Atenas, na Grécia Antiga.

<http://www.unicaen.fr/rome/visites.html> - Reconstituições virtuais e exploração prática de uma maqueta da cidade de Roma na época imperial.

<http://www.monumentos.pt/ajuda.html> - Inventário da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, fundamental para o estudo do património arquitectónico português; com cerca de oito mil registos, integra uma informação bastante completa, notícias de intervenções e bibliografia específica.

www.louvre.fr - Museu do Louvre

www.uffizi.firenze.it/we/comet.html - Museu da Galeria dos Ofícios, essencial para a visualização das obras dos grandes mestres do Renascimento.

www.rijksmuseum.nl/ Museu de Amsterdão essencial para o visionamento das grandes obras de Rembrandt.

<http://museoprado.mcu.es> - Museu do Prado em Madrid valiosas obras da pintura mundial.

<http://www.nationalgallery.org.uk> - Valiosas obras da pintura mundial.

<http://www.chateauversailles.fr/> - Fundamental para o conhecimento da corte régia e imagem do poder absolutista.